

PALÁCIO SÃO FRANCISCO

De residência Garmatter a Museu Paranaense



ANTONIO CARLOS DE CARVALHO

HISTÓRIAS DO PARANÁ



MUSEU PARANAENSE

IMAGEM DA CAPA

Palácio São Francisco, sede
do executivo paranaense,
no final da década de 1930



ANTONIO CARLOS DE CARVALHO

PALÁCIO SÃO FRANCISCO

De residência Garmatter a Museu Paranaense

ANTONIO CARLOS DE CARVALHO

HISTÓRIAS DO PARANÁ



MUSEU PARANAENSE



Este livro foi produzido pela EDIÇÃO POR DEMANDA,
por encomenda de seu autor, que detém todos os direitos
de conteúdo, comercialização e distribuição desta obra.

DIAGRAMAÇÃO: EQUIPE EDIÇÃO POR DEMANDA

www.edicaoordemanda.com.br

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Bibliotecária responsável: Luzia G. Kintopp – CRB/9-1535
Index Consultoria em Informação e Serviços Ltda.
Curitiba - PR

C331 Carvalho, Antonio Carlos de
Palácio São Francisco [recurso eletrônico] : de
residência Garmatter à Museu Paranaense / Antonio
Carlos de Carvalho. — Curitiba : SAMP, 2018.
Recurso on-line : PDF. — (Coleção Histórias do
Paraná, do Museu Paranaense).

ISBN - 978-85-67310-48-0

1. Palácio São Francisco - Curitiba (PR) - História.
2. Palacete Garmatter - Curitiba (PR) - História.
3. Museu Paranaense - Curitiba (PR) - História. I. Título.
II. Série.

CDD: 981.62

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

PALÁCIO SÃO FRANCISCO

De residência Garmatter a Museu Paranaense

ANTONIO CARLOS DE CARVALHO

HISTÓRIAS DO PARANÁ



MUSEU PARANAENSE

Créditos

Governo do Paraná

Cida Borghetti

Secretario de Estado da Cultura

João Luiz Fiani

Diretor-Geral da SEE

Jaderson Alves

Coordenador do Sistema

Estadual de Museus e

Diretor do Museu Paranaense

Renato Augusto Carneiro Junior

Capa

Raquel Cristina Dzierva

Editoração e produção

Roberto Costa Guiraud – Designer

Revisão

André Braga Carneiro

Foto da capa

Palácio São Francisco,
na Praça João Cândido.

Fotografo: HENKEL, Armin

Acervo da Casa da Memória /
Diretoria do Patrimônio Cultural /
Fundação Cultural de Curitiba

Sociedade de Amigos do Museu Paranaense – SAMP

Marionilde Dias Brepohl de

Magalhães

Presidente



PARANÁ

GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Cultura

Apoio



Patrocínio



Apresentação da coleção

Histórias do Paraná é uma coleção que reúne livros com diversos temas, diferentes métodos e diferentes abordagens. Seus autores narram acontecimentos e personagens que compuseram capítulos de uma história compartilhada, mas nem sempre harmoniosa, cujo cenário é o estado, embora não seja uma história do estado.

Nosso objetivo é apresentar os múltiplos olhares com que se pode ler os acontecimentos e, de modo igual, como a história pode ser entendida em sua diversidade; de visões de mundo, ações, sentimentos, ideias, interações recíprocas. Histórias que até podem ter um começo, mas que não se acabam, porque interferem em outra e mais outra.

Esta iniciativa visa difundir o conhecimento de fatos que afetaram o cotidiano dos paranaenses e também de novas propostas historiográficas, afastando-se da noção de que uma história única seja possível; na *Coleção Histórias do Paraná* o leitor poderá dialogar com autores que debatem e, por vezes, confrontam experiências que carecem ser compreendidas em sua pluralidade.

O Museu Paranaense cumpre, com mais esta iniciativa, o objetivo de ampliar e dotar de visibilidade fragmentos do nosso patrimônio imaterial, esperando com isto atrair a atenção de pesquisadores e educadores dedicados à memória histórica e cultural do Paraná. Oferece ainda, instrumentos que subsidiem a educação informal e a formação acadêmica complementar, ao mesmo tempo em que promove o conhecimento científico do patrimônio sob sua guarda.

Agradecemos à Sociedade de Amigos do Museu Paranaense e à Companhia de Saneamento do Paraná, SANEPAR, pelos recursos destinados a estas publicações, a partir da Lei Rouanet, do Ministério da Cultura do Governo Federal.

Ao leitor, nosso convite para adentrar no mundo do pensamento tornado ação.

Marion Brepohl de Magalhães

Presidente da SAMP

Renato Carneiro Jr.

Diretor do Museu Paranaense

Agradecimento

Agradeço a todos os envolvidos na produção deste texto, a Carolina Prado Galan e Douglas Borges Brasnieski pelas revisões, aos professores do curso de Lato Sensu em Conservação e Restauração do Patrimônio da Pontifícia Universidade Católica do Paraná por compartilharem seus conhecimentos. À equipe da Coordenação de Patrimônio Cultural (CPC), da Secretaria de Estado da Cultura, ao Instituto de Planejamento e Pesquisa de Curitiba (IPPUC) e a Assessoria de Comunicação Social do Tribunal Regional Eleitoral do Paraná, agradeço pelas consultas aos seus acervos.

Meu agradecimento especial a Tatiana Takatuzi, Renato Carneiro e toda a equipe do Museu Paranaense pelo carinho, disposição e paciência em me ajudar na produção desta obra.

Apresentação (autor)

Esta publicação surgiu como resultado da monografia apresentada ao curso de Especialização em Conservação e Restauração do Patrimônio da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), em 2016, com o objetivo de traçar uma linha cronológica do imóvel localizado na cidade de Curitiba, rua Dr. Kellers, número 289, no bairro São Francisco. Nos dias atuais é tombado como patrimônio histórico pelo estado do Paraná e pela cidade de Curitiba, ocupado pelo Museu Paranaense, instituição que desenvolve estudos nas áreas da Arqueologia, Antropologia e História, sobretudo do estado do Paraná. O edifício completa, no ano de 2018, 89 anos de ocupação, os quais traz marcados em suas paredes e estrutura, características de cada ocupação por qual passou.

Como construção arquitetônica, enfrenta as dificuldades provenientes da ação e desgaste natural do tempo. Nesse sentido, o papel do historiador é mostrar que apesar das adversidades físicas como infiltrações, telhas quebradas e madeiras desgastadas, este objeto arquitetônico possui uma história única devido a todos estes anos de ocupação ininterrupta e dois processos de restauração.

Idealizado como uma residência, chega aos dias atuais como um museu público, passando por diferentes tipos de ocupação, onde foram necessárias diversas mudanças, muitas vezes questionáveis, que moldaram a identidade deste patrimônio. Sua história não se resume apenas ao testemunho da época em que foi concebido, mas também remete a todos os períodos em que foi ocupado.

Desenvolver este projeto me mostrou as dificuldades que um historiador passa para conseguir ter concretizado seu objetivo. Apesar de já possuir a monografia apresentada em 2016, ela apenas serviu com um pontapé inicial para a pesquisa maior que culminou nesta publicação, onde algumas perguntas que haviam ficado sem respostas conseguiram ser respondidas após revisões e aprofundamento no material da pesquisa. Acredito que escrever a história não é um trabalho finito e definitivo, pois sempre surgirão novos fatos que irão levar outros historiadores a refazer e responder novos questionamentos levantados sobre o passado.

Antonio Carlos de Carvalho

Sumário

INTRODUÇÃO.....	17
1 CURITIBA DO SÉCULO XX.....	21
2 PALACETE GARMATTER.....	29
3 PALÁCIO SÃO FRANCISCO.....	53
4 TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DO PARANÁ.....	65
5 MUSEU DE ARTE DO PARANÁ.....	71
6 MUSEU PARANAENSE.....	85
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	125
REFERÊNCIAS.....	129

Introdução

Em 19 de dezembro de 2017, o Museu Paranaense comemorou quinze anos de ocupação da sua atual sede, apesar de ser sua sétima, esta foi a primeira pensada profundamente para acomodar da maneira mais eficiente as exposições e acervos e atender suas necessidades museológicas. Em 2002, o Museu Paranaense recebeu para fazer parte de seu grande acervo de objetos históricos, uma construção histórica de 1.145,00 m². O edifício onde está situado o Museu Paranaense é um exemplo arquitetônico do estilo Art Déco curitibano da década de 1920, com imponente denominação de Palácio São Francisco, que resgata os ares das antigas funções do edifício.

Mas quais são estas antigas funções que o Palácio São Francisco teve antes do Museu Paranaense? Tomando esta questão como objetivo de pesquisa, buscou-se mostrar como foram as várias ocupações deste edifício histórico tombado como patrimônio arquitetônico pelo estado do Paraná em 26 de novembro de 1987, no livro Tombo Histórico sob o número 87-II.

No primeiro capítulo o leitor será apresentado a uma breve história da urbanização da cidade de Curitiba, para entender o cenário urbano em que a residência foi construída. Seguindo para a história do próprio edifício, passando pelo seu idealizador, Julio Garmatter, e seus ocupantes posteriores, e apresentar as mudanças que ocorreram até chegar ao o que é visto atualmente.

O proeminente comerciante de carnes Julio Garmatter realizou a

compra de três terrenos no bairro do Alto São Francisco para a construção de um grande palacete, encomendado ao engenheiro e arquiteto Fernando Eduardo Chaves, para a sua família. Após aproximadamente oito anos de ocupação, o palacete é vendido para o Governo do Estado do Paraná, que realiza pequenas modificações estéticas que foram realizadas para atender a ocupação pela casa do executivo do estado, mudando o nome de palacete Garmatter para Palácio São Francisco. Após dezesseis anos de ocupação pelo aparato estadual, em 1954 o governo desocupa a construção e se transfere para o Palácio Iguazu, no bairro Centro Civico. Em seguida, passa a ser a sede do Tribunal Regional Eleitoral do Paraná (TRE-PR). Após alguns anos de ocupação e necessitando de mais espaço, foi projetada a construção de um anexo conjunto ao edifício do Palácio São Francisco, seguindo as mesmas características arquitetônicas. Em 1986, o TRE-PR devolve o Palácio São Francisco ao Estado do Paraná, permanecendo, porém, funcionando no anexo.

Em 1986/87 o Estado do Paraná realizou a restauração e adaptação do edifício para ser ocupado pelo recém-criado Museu de Arte do Paraná (MAP), levando ao tombamento do edifício histórico como patrimônio histórico estadual.

Com a saída do MAP da construção histórica, em 2002, ocorre um novo processo de restauração do Palácio São Francisco e reforma do anexo, é realizada também a construção de um novo anexo seguindo característica arquitetônica contemporânea, para atender a instalação do Museu Paranaense, que a ocupa ate os dias atuais.

Para chegarmos neste levantamento, foi utilizado como fontes uma gama de acervo de documentos, como plantas das edificações e das

reformas, relatórios sobre as restaurações e relatos da família Garmatter, bem como imagens feitas ao longo da história do Palácio, pertencentes a Casa da Memória de Curitiba, Museu Paranaense, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba, Tribunal Regional Eleitoral do Paraná e a Coordenação de Patrimônio Cultural da Secretaria de Estado da Cultura do Paraná. Além disso, este trabalho utiliza de publicações bibliográficas dos autores Elizabeth Amorim de Castro, Humberto Mezzadri e Zulmara Clara Sauner Posse, que escreveram diretamente sobre nosso objeto de pesquisa.

As imagens reunidas foram extremamente importantes para desvendar várias alterações e modificações ocorridas ao longo dos anos, tal como pinturas parietais, construção e demolição de paredes, janelas, anexos e vários outros elementos que muitas vezes não foram relacionados nos projetos de restauração. Nesse sentido, este livro está estruturado em leitura das imagens como fonte histórica, que tem como finalidade recuperar vestígios e contar a história por meio de fotografias.

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais. Logo, com palavras. Signos. Paisagens e telhas. (...) Numa palavra, com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem.¹

¹ FEBVRE, 1949, p. 428 apud LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas: Ed. da unicamp, 2003, p. 530.

Considerando tal afirmação e na ausência de documentos escritos, devemos utilizar tudo o que nos é disponível para elucidar as dúvidas que podem surgir. Sem o uso das fotografias, neste caso, não seria possível atingir o nível de descrição das alterações sofridas pelo edifício estudado, bem como ter noção de como eram os espaços antes de mudanças significativas. Muitas vezes não chegamos a uma data, mas podemos identificar o período que possivelmente ocorreu, assim, nos facilitando compreender a cronologia dos fatos.

Buscando auxiliar o leitor na visualização dos espaços, suas ocupações e modificações, foram concebidas plantas dos andares, se baseando em levantamentos das restaurações e ampliações. Priorizando os momentos da primeira e última ocupação, mostrando o desenvolver das mudanças e se mantendo até hoje. O leitor pode utilizar deste auxílio para identificar rapidamente ao longo do texto qual aposento está sendo citado. Os cômodos foram enumerados e identificados dentro de parênteses, facilitando o entendimento e permitindo confrontar dados e imagens que existem na publicação.

1

CURITIBA DO SÉCULO XX

Curitiba começou como um pequeno vilarejo de garimpeiros no século XVIII, se desenvolveu posteriormente com os trabalhos dos tropeiros que vinham do Sul e levavam mercadorias para o centro da colônia brasileira.²

O vilarejo cresceu em torno da igreja matriz dedicada a Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, a noroeste da matriz se encontrava a capela de São Francisco, datada do início do vilarejo e construída pelos franciscanos, que tinham como objetivo a construção de uma igreja na parte mais alta do povoado.³ A construção nunca foi terminada, mas deu nome posteriormente ao bairro onde a mesma se encontrava, a localização comumente denominada de Alto do São Francisco.

Com o advento da independência brasileira, em 1822, a vila se torna parte da quinta comarca da Província de São Paulo até a data de 19 de dezembro de 1853, a partir de então se torna capital da província do Paraná.

Com o título de capital da província, necessita de uma infraestrutura urbana mais elaborada. No dia 1 de dezembro de 1854, o primeiro presidente da província, Zacarias de Goês e Vasconcellos, lança a pedra fundamental do primeiro cemitério da cidade no bairro do São Francisco.⁴ Ao longo do período imperial e com o crescimento da cidade, Curitiba passa a acomodar uma cadeia, um paiol de pólvora, quartéis

2 WACHOWICZ, Ruy. História do Paraná. Imprensa Oficial do Paraná. 10ª edição. 2002, p. 69.

3 WACHOWICZ, op. cit., p. 71.

4 In: <<http://obituarios.curitiba.pr.gov.br/publico/cemiterios.aspx>>.

militares, centros de ensino, edifícios públicos, estação ferroviária, um hospital e um museu próprio, além de todo o aparato necessário para o funcionamento do governo da província.

Ao longo do século XIX a cidade recebe imigrantes europeus que se estabelecem em colônias ao redor do centro urbano. Aliados ao clima ameno e à geografia similar a de seus países de origem, criam raízes e ajudam no desenvolvimento da capital provincial.

Com a proclamação da República, em 1889, o sistema de governo foi repensado e apontado novas necessidades nas cidades, em 1895 é criado o Código de Postura,⁵ que exige a regulamentação dos espaços comuns. Como consequência, houve a implantação de transporte de bondes de tração animal e melhorias no abastecimento hídrico.

No início do século XX, buscando novas melhorias, foi criado o Regulamento Sanitário de 1900, que teria como atribuição “o saneamento do meio local em suas particularidades e habitações”.⁶ Nos anos seguintes é construído o reservatório de água do Alto São Francisco, em 1907, que usando recursos hídricos trazidos das serras litorâneas, abasteceriam as residências da cidade.

Apesar destes primeiros anos do novo século representarem o surgimento de grandes melhorias, “a implantação de uma moderna

⁵ Código de Posturas de Curitiba, 22 de novembro de 1895. PEREIRA, Magnus Roberto de Mello (org.) **Posturas Municipais – Paraná, 1829 na 1895**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2003, p. 114.

⁶ Regulamento Sanitario, de 2 de janeiro de 1900. **Leis, Decretos e Actos da Camara Municipal**. Curitiba: Oficinas de Artes Gráficas de Adolpho Guimarães, 1900, p. 298 [Capítulo I, artigo 1º].

infraestrutura na cidade esbarra em inúmeros obstáculos; de ordem técnica; falta de recursos; entraves contratuais”.⁷ As medidas tomadas para o cumprimento da lei municipal número 143, de 10 de outubro de 1905, buscaram delimitar as construções particulares na região central da cidade.

Art. 1º As edificações e reedificações que se fizerem nas Ruas 15 de Novembro e Liberdade e Praça Tiradentes só poderão ser de dois ou mais pavimentos.

Art. 2º Na Rua 15 de Novembro, bem como nas demais da Cidade, que calçadas ou não, as edificações ou reedificações serão executadas de acordo com as Posturas Municipaes, mediante plantas aprovadas pela Seção Technica, obedecendo as modificações que a mesma julgar conveniente, de accôrdo com as mesmas Posturas.⁸

A urbanização atinge o ambiente privado, com a disponibilização de saneamento e de exigências construtivas. Após a lei citada, “proíbe-se a construção de casas de madeira na área central”⁹ pela lei municipal número 177, de 30 de abril de 1906,¹⁰ nesse sentido os moradores se veem obrigados a atenderem medidas para se adaptar às novas necessidades urbanas.

⁷ POSSE, Zulmara Clara Sauner; CASTRO, Elizabeth Amorim de. **As virtudes do bem-morar**. Curitiba, PR: Z. C. Sauner Posse, 2012, p. 79.

⁸ Lei Municipal nº149, de 10 de outubro de 1905. **Leis, Decretos e Actos, 1902 a 1906**. Curitiba: Officina de Artes Graphicas, 1906, p. 120-121.

⁹ POSSE & CASTRO, op. cit., p. 83.

¹⁰ Lei Municipal nº 177, de 30 de abril de 1906. **Leis, Decretos e Actos, 1902 a 1906**, op. cit., p. 149-150.

As várias exigências tiveram por finalidade mostrar ao povo que havia o “interesse do poder público em embelezar Curitiba, afinal as capitais representam o expoente maior do progresso dos países”.¹¹ A cidade sofre de forma abrupta as alterações, criando e municipalizando espaços e melhorias nas circulações, como exemplo o Passeio Público, que foi repensado, a construção do Paço Municipal no local do antigo mercado, paisagismo das ruas, uso de iluminação elétrica, bondes elétricos e a construção do Belvedere no local da antiga capela franciscana, no Alto São Francisco.

Em 1920, Curitiba possui 78.986 habitantes! Sua malha urbana é formada por 240 ruas, 13 alamedas, 23 avenidas, 25 praças, 10 largos e 10 travessas. Dos 5.700 prédios existentes na cidade, 2.978 possuem ligação de água e esgoto (53% do total) e 240, somente de água. As quatro linhas de bondes elétricos estendem-se por 25 quilômetros e transportaram durante todo o ano 2.625.230 passageiros. Dois anos depois, em 1922, a prefeitura registra 2.615 veículos circulando na cidade, dos quais 183 são automóveis particulares e do governo, 867 carroças de quatro rodas, 131 bicicletas, 15 motocicletas, 130 aranhas e 43 carros de praça.¹²

Esta era a situação da Curitiba em 1920, que com o crescimento do comércio e exportação da erva mate, cria uma elite adepta do conforto e beleza, que observa as tendências que são divulgadas pela capital do país, Rio de Janeiro, e pelos países europeus. Refletida nas habitações e comércios, as novas tendências estéticas, grandes e opulentas construções

¹¹ POSSE & CASTRO, op. cit., p. 94.

¹² In: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/conhecendocuritiba/>>. Acessado em 15 de setembro de 2016.

espalhadas pela cidade que utilizavam do paisagismo urbano para realçar a elegância de seus espaços.

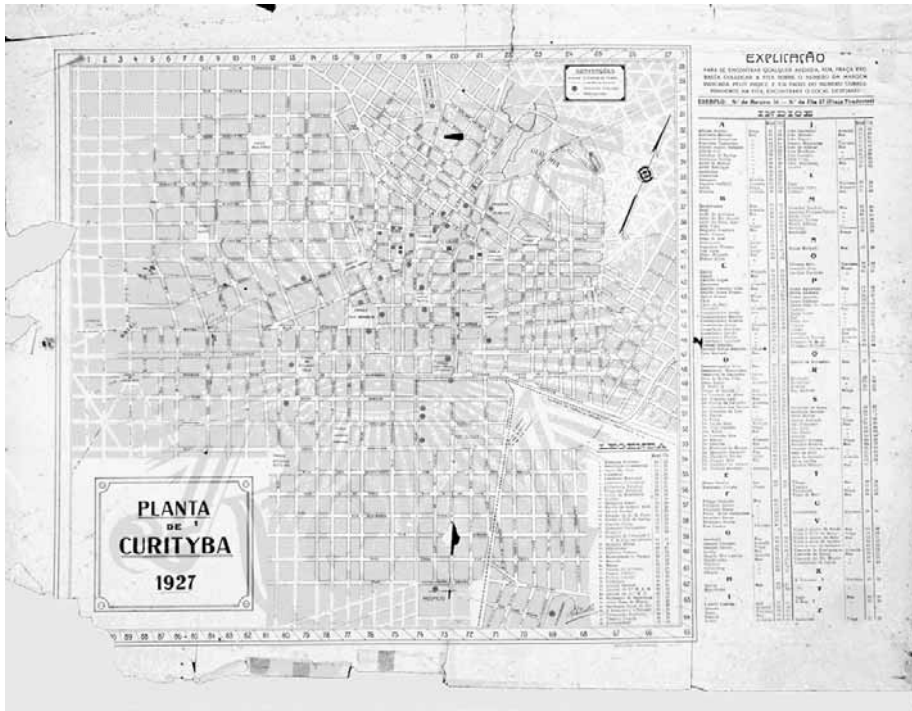


Figura 1 - Cidade de Curitiba em 1927.¹³

A transformação que ocorreu na capital de forma rápida nos primeiros anos do novo século, como analisado no mapa acima, no ano de 1927 (figura 1), se encontrava estruturada de forma retilínea e com desenvolvimento urbanístico, focando no planejamento de quadras e expansão urbana, fornecendo transporte público ligando todo o aparato governamental e de necessidades cotidianas, e também no embelezamento da cidade, com variadas praças, passeios e largos.

¹³ Acervo: Museu Paranaense.



Figura 2 - Praça João Cândido em 1947.¹⁴

Acima (Figura 2), pode-se ver o objeto de estudo deste livro, a construção no lado direito da imagem, se enquadrando com a paisagem urbana e fazendo composição com os detalhes e construções da Praça João Cândido. Foi construída em concreto armado, em estilo eclético, apresentando influência do modernismo e Art Déco germânico. Sendo baseada em uma construção alemã, teve seu interior ricamente pensado para abrigar com conforto uma importante família da capital paranaense.

¹⁴ Acervo: Casa da Memória / Diretoria do Patrimônio Cultural / Fundação Cultural de Curitiba.

2

PALACETE GARMATTER

Idealizado e financiado por Julio Garmatter,¹⁵ alemão nascido em Krepe-Bei-Posen, em 1878, que emigrou para o Brasil no ano de 1894. Se estabeleceu na cidade de Curitiba, tornando-se um grande comerciante de carnes e proprietário de terras, com grande açougue e fábrica de banha, linguiça e presunto. Casou-se em 1902 com Maria Meister, com quem teve cinco filhos, três meninos, Reinaldo, Julio e Carlos, e duas meninas, Carlota e Edith. Sua participação no desenvolvimento na cidade de Curitiba foi ampla, possuiu um grande comércio de carnes no centro da cidade, localizado na esquina das Travessas Nestor de Castro e José Bonifácio, construção que existe até os dias atuais. Criou amizades com importantes personalidades da elite, conseguindo casamentos para seus filhos com descendentes de grandes famílias da capital paranaense, de empresários de bens de uso e produtores de erva mate. Sua influência atingiu até o âmbito político, participando da Associação Comercial do Paraná e sendo membro de comitês civis em assuntos de desenvolvimento e avanços tecnológicos na indústria.

Entre os anos de 1926 e 1928, Julio Garmatter articulou a compra de três terrenos na região do Alto São Francisco para a construção de sua residência. Hoje em dia ela fica localizada na rua Dr. Kellers, de frente à praça João Cândido, sendo delimitada nas laterais pelas ruas Ébano Pereira e Ermelino de Leão. O início das construções não tem uma data definida, pois como descoberto nos arquivos da Coordenação do Patrimônio Cultural, os registros que possuíam tal informação e as plantas originais foram queimados em um incêndio. Contudo, em relatos

¹⁵ MEZZADRI, Humberto. Uma Casa de Hermann Muthesius em Curitiba. 1º Seminário DOCOMOMO Paraná Constituição da Arquitetura Moderna no Paraná, PUCPR, realizado em Curitiba de 17 a 19 de agosto de 2005, p. 4.

da filha do senhor Garmatter, Edith Garmatter Ritzmann, “A construção da casa demorou quase dois anos,”¹⁶ portanto, partindo da data da última compra e unificação dos lotes, presumiu-se a construção entres os anos de 1928 e 1929. Ainda devido ao incêndio dos registros da época, as únicas plantas existentes são cópias realizadas no ano de 1937 pelo Departamento de Obras e Viação do Estado do Paraná (figura 3).



Figura 3 - Projeto do Palacete Garmatter, 1937.¹⁷

-
- ¹⁶ PARANÁ. Secretaria da Cultura e do Esporte. **Projeto de conservação e restauração dos bens culturais móveis do Palácio São Francisco**. Protocolo 0089 de 13 de janeiro de 1987. In: Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, Coordenação de Patrimônio Cultural (CPC), p. 1.
- ¹⁷ PARANÁ. Departamento de Obras e Viação. Seção Técnica. **Projeto do Palacete para o Sr. Julio Garmatter à Rua Dr. Kellers (Alto São Francisco)**. Curitiba, 14 de outubro de 1937. Plantas, cortes e fachadas apresentadas em quatro pranchas. Cópia autêntica executada pela Seção Técnica do Departamento de Obras e Viação. Levantamento arquitetônico, em cópia heliográfica. In: POSSE & CASTRO, op. cit., p. 168.

A autoria do projeto da residência (figura 3) é de Fernando Eduardo Chaves,¹⁸ que a pedido do proprietário projeta o palacete “de grande porte com três pavimentos e 1.145,00 m²”¹⁹ baseado na Rash Haus (figura 4), de autoria do arquiteto alemão Hermann Muthesius,²⁰ de 1913, em Wiesbaden, nas proximidades da cidade de Frankfurt, Alemanha.²¹

18 “Nascido em Hamburgo, Alemanha, em 1892, onde a família mantinha casa de comércio, forma-se em 1922, na sexta turma da Faculdade de Engenharia da Universidade do Paraná. Em julho de 1930 presta concurso para a cátedra de “Arquitetura, Higiene das Habitações e Saneamento das Cidades”. Ministrou a disciplina do quinto ano “Construção Civil e Arquitetura” até sua morte, em 1944.” In: MEZZADRI, op. cit., p. 4.

19 POSSE & CASTRO, op. cit., p.168.

20 “Nascido em Gross-Neuhausen, Turíngia, em 1861, estuda história da arte e filosofia da Universidade de Berlin e arquitetura na *Technische Hochschule*, onde se forma em 1887. Trabalha por um período de três anos no Japão e mais tarde, como funcionário do Ministério de Obras Públicas prussiano, é comissionado adido técnico junto à embaixada alemã em Londres a fim de estudar o desenvolvimento da arquitetura e do design de objetos ingleses (1896-1903). Em 1904 estabelece-se em Berlin como arquiteto. É um dos fundadores da *Deutsche Werkbund* (1907), tendo seu nome associado ao debate entre indústria e desenho e à emergência da arquitetura moderna. Morre em Berlin, em 1927.” In: MEZZADRI, Humberto. **Uma Casa de Hermann Muthesius em Curitiba**. 1º Seminário DOCOMOMO Paraná Constituição da Arquitetura Moderna no Paraná, PUCPR, realizado em Curitiba de 17 a 19 de agosto de 2005, p. 4.

21 MEZZADRI, op. cit., 2005.

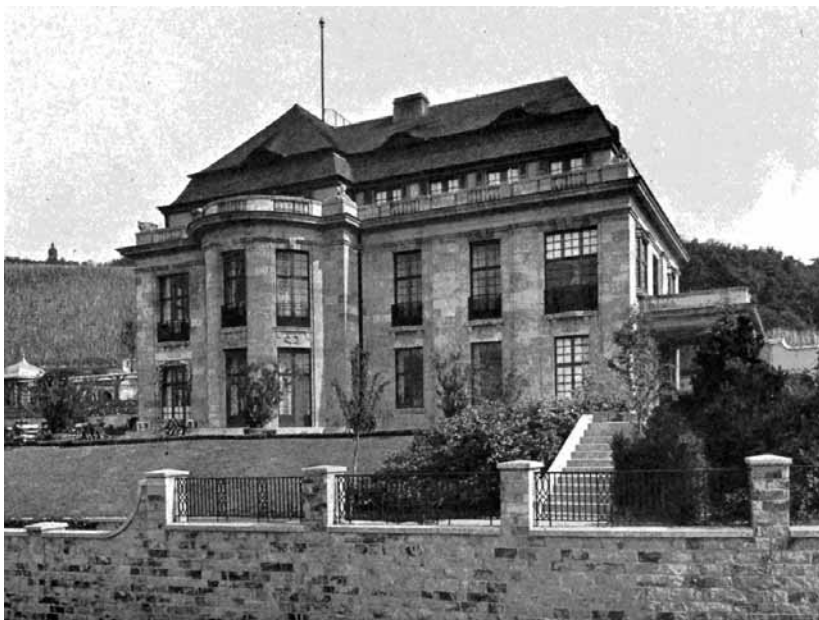


Figura 4 - Rasch Haus. Obra do arquiteto Hermann Muthesius.²²

A neta de Julio Garmatter, Annemarie L. R. Glaser, em entrevista para a elaboração do livro “As virtudes do bem-morar”, das autoras Zulmara Clara Sauner Posser e Elizabeth Amorim de Castro, comenta que “Meu avô visitou esta casa na Alemanha, gostou e trouxe o projeto da casa para construir em Curitiba”,²³ também “trouxeram o projeto da casa e, depois, compraram os sanitários, as maçanetas, as torneiras, os pisos e os vitrais, afinal, tudo o que era necessário para a casa foi importado da Alemanha”.²⁴

²² Landhäuser von Hermann Muthesius. **Ausgeführte Bauten mit Grundrissen, Gartenplanen und Erläuterungen. Zewite ergänzte Auflage.** München: F. Brunckmann A. G., 1922, p. 4.

²³ POSSE & CASTRO, op. cit., p. 189.

²⁴ POSSE & CASTRO, op. cit., p. 217.



Figura 5 - Palacete Garmatter, sem data. Fachada Frontal.²⁵

A Rasch Haus não existe nos dias atuais, mas as plantas existentes no livro *Landhäuser* permitiram ao autor Humberto Mezzadri o confronto com as plantas do palacete Garmatter e enumerar as mudanças realizadas pelo engenheiro e arquiteto Fernando Eduardo Chaves. Mezzadri aponta que o arquiteto acrescentou um terceiro volume ao projeto original, criando uma fachada simétrica na parte de trás do edifício. Este acréscimo criava um “vazio” ao centro do edifício, que é “ocupado por uma varanda envidraçada no [piso]²⁶ superior e no térreo um terraço aberto arrematado por uma escadaria”²⁷ (figura 6).

²⁵ Acervo: Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, Coordenação de Patrimônio Cultural (CPC).

²⁶ Grifo do autor.

²⁷ MEZZADRI, op. cit., p. 12.



Figura 6 - Palacete Garmatter, sem data. Fachada posterior.²⁸

Aos longos dos apontamentos, Mezzadri mostrou outras mudanças arquitetônicas, como, por exemplo, “outro elemento novo incorporado ao projeto é que o pavimento térreo não mais está nivelado com o terreno, mas elevado, revelando a existência de um porão”,²⁹ e ainda aponta para “uma simplificação das articulações do revestimento em argamassa”.³⁰

²⁸ Acervo: Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, Coordenação de Patrimônio Cultural (CPC).

²⁹ MEZZADRI, op. cit, p. 14.

³⁰ Idem.

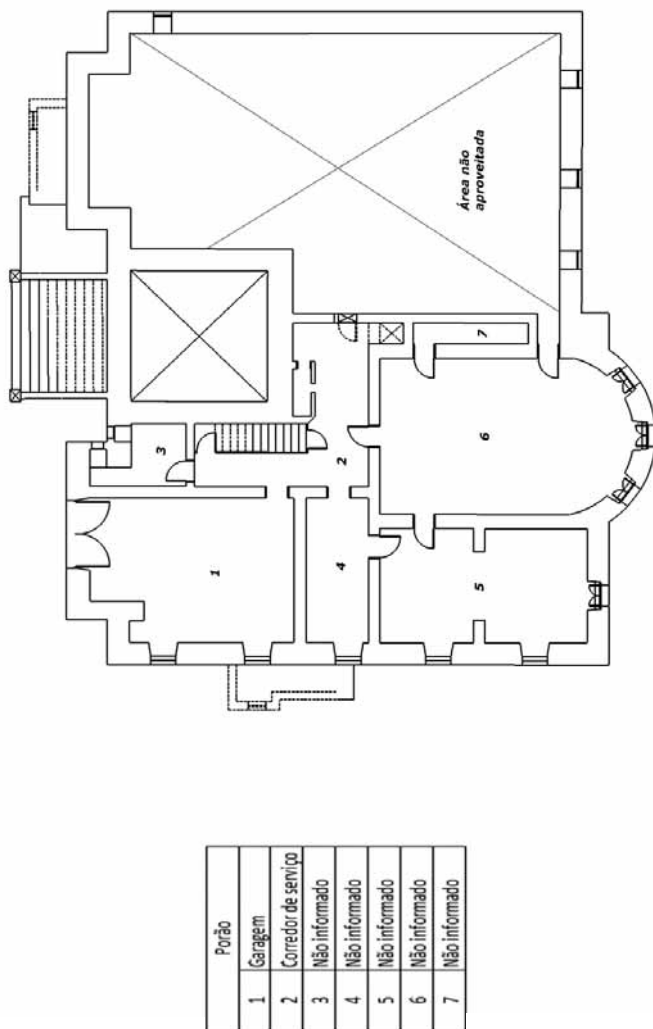
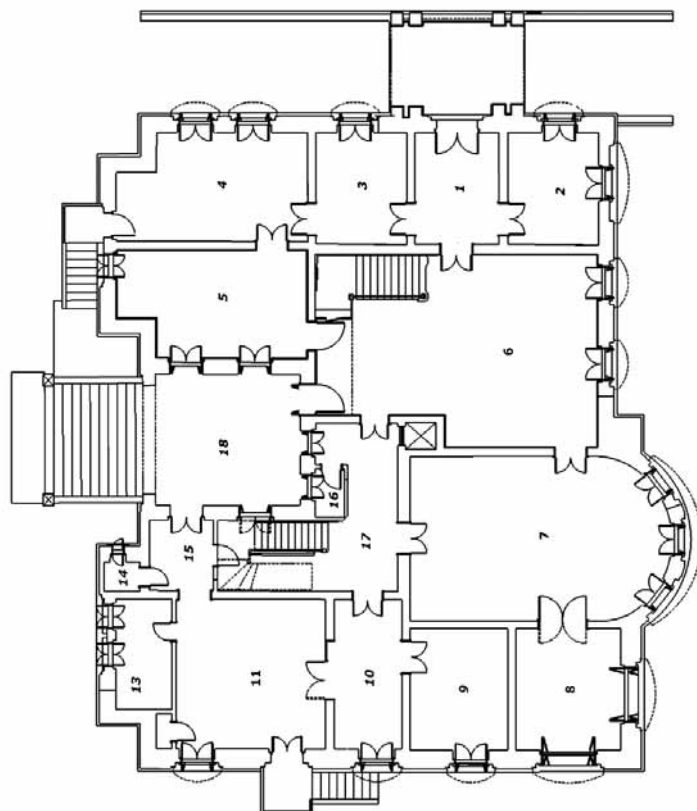


Figura 7 - Planta baixa porão do palacete Garmatter.³¹

³¹ Concepção do autor. Adaptado de plantas arquitetônicas do acervo da Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, Coordenação de Patrimônio Cultural (CPC).



Térreo	
1	Hall de Entrada
2	Escritório
3	Copa
4	Cozinha
5	Sala Intima
6	Sala de Estar
7	Sala de Jantar
8	Sala de Estar Intima
9	Copa
10	Corredor da Cozinha
11	Cozinha
12	Armario das Vassouras
13	Área de Serviço
14	Dispensa
15	Hall de Serviço
16	Lavabo
17	Corredor de Serviço
18	Terraco Coberto

Figura 8 - Planta térreo palacete Garmatter.³²

³² Concepção do autor. Adaptado de plantas arquitetônicas do acervo da Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, Coordenação de Patrimônio Cultural (CPC).

O pesquisador detalhou o uso de cada espaço na casa e comparou com o uso dos espaços na casa alemã:

Adentrando ao vestíbulo, temos não mais o toailete dos senhores, mas sim um conjunto de três salas para o escritório do dono da casa. Há um acesso externo e também comunicação como hall. À esquerda do vestíbulo, temos a sala de receber da senhora. No hall, a lareira ocupa posição frente à porta de entrada, pois o seu lugar na casa Rasch (um típico *coin du feu*³³) aqui vai ser ocupado pelas portas que se abrem para o terraço e para o escritório. Passamos pela sala de refeições, que perdeu as portas para o terraço, e chegamos à sala do café-da-manhã. Desta, passa-se para a copa, uma distribuição, a cozinha (que tem um acesso externo) e a despensa ao fundo. Passando por um pequeno vestíbulo, onde há um reservado, chegamos à distribuição de serviço, com escada para o porão e para o pavimento superior. Temos também o monta-cargas e mais um reservado que, como foram suprimidos os toaletes do vestíbulo, faz às vezes de banheiro para as visitas.³⁴

Contudo, algumas informações devem ser alteradas. Com base nos relatos da neta de Júlio Garmatter, fotos do álbum de fotografias, elaborado pelo proprietário da residência na época, e plantas da última intervenção, em 2002, é possível perceber outros usos de alguns aposentos citados. O aposento onde o pesquisador diz ser a “sala de receber da senhora” na verdade tratava-se do escritório do senhor Julio Garmatter (figura 9). Annemarie afirma que “entrando pela porta principal da casa havia um pequeno hall (cômodo 1 da planta pavimento térreo – Figura 8), em seguida, à esquerda, o escritório do vovô (cômodo 2 – Figura 8), e, à direita, uma saleta (cômodo 3 – Figura 8) e uma

³³ Espaço destinado à lareira.

³⁴ MEZZADRI, op. cit., p. 13.

cozinha (cômodo 4 – Figura 8), montada para a tia Edith.”³⁵ Assim, os aposentos que são classificados como escritório também tinham outra função, como espaço para a filha do proprietário e sua família. O mesmo pode ser dito a respeito do aposento “sala do café-da-manhã” (cômodo 8 – Figura 8) que, seguindo o princípio da configuração das janelas e portas, seria uma sala de estar íntima (figura 10). De acordo com o livro “As virtudes do bem-morar”, seria “saleta do Palacete Garmatter, década de 1930. Ambiente feminino, com cadeiras e conversadeiras estofadas e revestidas em gobelin.”³⁶



Figura 9 - Escritório do palacete Garmatter, sem data.³⁷

³⁵ POSSE & CASTRO, op. cit., p. 219.

³⁶ POSSE & CASTRO, op. cit., p. 210.

³⁷ Acervo: Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, Coordenação de Patrimônio Cultural (CPC).



Figura 10 - Sala de estar do palacete Garmatter, sem data.³⁸



Figura 11 – Hall do palacete Garmatter, sem data.³⁹

³⁸ Acervo: Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, Coordenação de Patrimônio Cultural (CPC).

³⁹ Idem.



Figura 12 – Hall do palacete Garmatter, sem data.⁴⁰

Onde foi referido como “hall”, a senhora Glaser comenta “na sala de visitas (cômodo 6 – Figura 8) havia uma lareira e móveis de estilo, feitos à mão.”⁴¹ As fotografias do álbum do proprietário (Figuras 11 e 12) mostram “a madeira escura – presente no piso, no teto, nos lambris⁴² e nas esquadrias – e os papéis de paredes importados com motivos florais”,⁴³ contrastando com o mobiliário moderno: “mesas, sofás e poltronas de linha futuristas.”⁴⁴

⁴⁰ Acervo: Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, Coordenação de Patrimônio Cultural (CPC).

⁴¹ POSSE & CASTRO, op. cit., p. 198.

⁴² Revestimento de madeira ou outro material usado em paredes internas.

⁴³ POSSE & CASTRO, op. cit., p. 196.

⁴⁴ Idem.

Quanto a sala de refeições (cômodo 7 – Figura 8), fala que “na sala de jantar – que se comunicava com a de visitas e a copa – tinha a mesa, dois buffets, a cristaleira e o relógio com pé em madeira”,⁴⁵ a respeito da mesa (Figura 13), ainda comenta que “a mesa de jantar tinha 14 lugares e aumentava com mais sete tábuas.”⁴⁶



Figura 13 - Sala de refeições do palacete Garmatter, sem data.⁴⁷

⁴⁵ POSSE & CASTRO, *op. cit.*, p. 219.

⁴⁶ POSSE & CASTRO, *op. cit.*, p. 199.

⁴⁷ Acervo: Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, Coordenação de Patrimônio Cultural (CPC).



Figura 14 - Cozinha do palacete Garmatter, sem data.⁴⁸

Descrevendo a cozinha (cômodo 11 – Figura 8), é dito: “tinha fogão a lenha, grande e com serpentina, e ainda um fogão e um forno elétrico”⁴⁹ (Figura 14); sobre o reservado ao lado da cozinha (cômodo 14 – Figura 8), Annemarie acrescenta “embaixo da escada de serviço, havia uma pequena despensa com enlatados, que ficava sempre trancada.”⁵⁰

O pesquisador Mezzadri ressalta como uma particularidade do Palacete Garmatter a garagem (cômodo 1 da planta porão, Figura 7) ficar “no porão sob a cozinha,”⁵¹ sendo disposta da seguinte maneira:

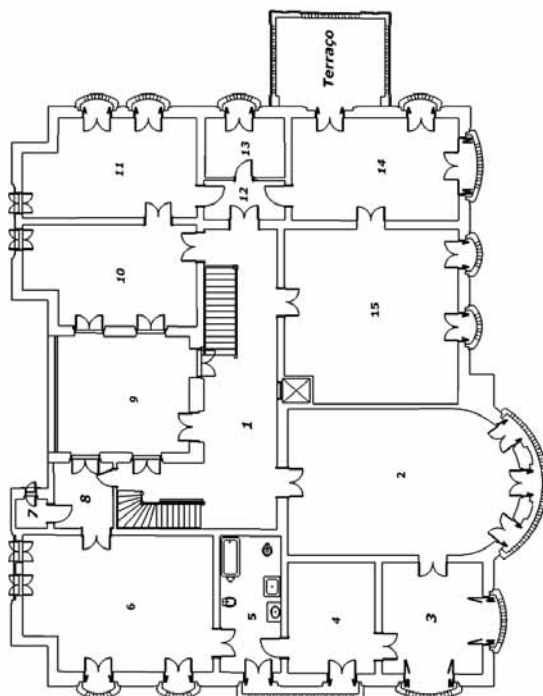
⁴⁸ Acervo: Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, Coordenação de Patrimônio Cultural (CPC).

⁴⁹ POSSE & CASTRO, op. cit., p. 203.

⁵⁰ Idem.

⁵¹ MEZZADRI, op. cit., p. 13.

“a garagem ficava no subsolo e, ao lado, tinha o depósito de lenha, a lavanderia, o armário para limpeza e para o jardim, etc.”⁵²



Pavimento Superior
1 Corredor Social
2 Sala de Estar íntima
3 Não identificada
4 Não identificada
5 Banheiro
6 Quarto Sr. e Sra. Garmatter
7 Lavabo
8 Hall de circulação
9 Jardim de Inverno
10 Não identificada
11 Não identificada
12 Hall de circulação
13 Banheiro
14 Quarto filho Sra. Ritzmann
15 Quarto Sr. e Sra. Ritzmann

Figura 15 - Planta baixa pavimento superior palacete Garmatter.⁵³

⁵² POSSE & CASTRO, op. cit., p. 212.

⁵³ Concepção do autor. Adaptado de plantas arquitetônicas do acervo da Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, Coordenação de Patrimônio Cultural (CPC).

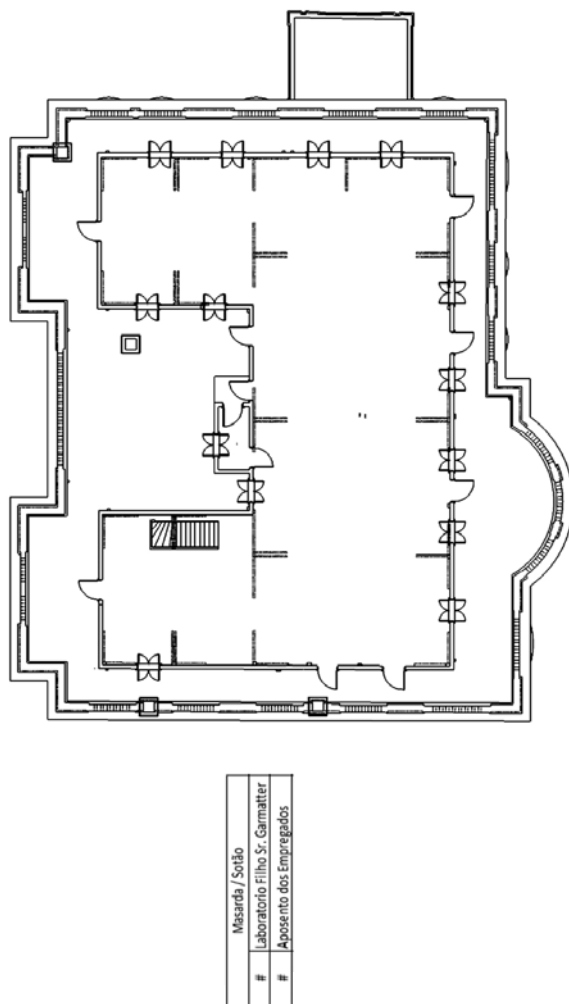


Figura 16 - Planta baixa sótão palacete Garmatter.⁵⁴

⁵⁴ Concepção do autor. Adaptado de plantas arquitetônicas do acervo da Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, Coordenação de Patrimônio Cultural (CPC).

O pavimento superior no palacete abrigava a área íntima da família, mantendo as diferenças com a Rasch Haus, que abrigava áreas comuns:

Subindo a escada principal, sobre a sala de refeições e com planta idêntica, temos a sala da família. Neste pavimento estão todos os quartos ocupados pela família, mais dois banheiros completos. O terceiro e último pavimento destinava-se exclusivamente aos empregados. Portanto, se o programa é aproximadamente idêntico, sua distribuição é diversa. O que na casa Rasch ocupava três pavimentos, aqui ocupa dois, com área maior.⁵⁵

Em palavras da neta do proprietário, “tinha um quarto para meus avós; um para o tio Julio; outro para tia Edith, seu marido e filho; e, ainda, a sala íntima, muito gostosa e bem iluminada pelos vitrais.”⁵⁶ Afirmava ainda que “o quarto dos meus avós, no pavimento superior, era próximo ao do filho solteiro, Julio. Do outro lado, estava o quarto da filha casada, Edith, e do seu primeiro filho.”⁵⁷ A respeito do jardim de inverno (cômodo 9 – Figura 15), relatou que “a sala utilizada por minha avó nos momentos de descanso era bem viva e iluminada pelos vitrais de motivos florais, coloridos e lindos, que vieram da França.”⁵⁸ No último pavimento (planta sótão, Figura 16) ela revelou que “o Julio

⁵⁵ MEZZADRI, op. cit., 2005, p. 13.

⁵⁶ POSSE & CASTRO, op. cit., p. 220.

⁵⁷ POSSE & CASTRO, op. cit., p. 207.

⁵⁸ POSSE & CASTRO, op. cit., p. 192.

tinha um laboratório instalado na mansarda,⁵⁹ onde ficavam os quartos do motorista – homem de confiança de meu avô, que também cuidava do jardim –, da cozinheira e da empregada.”⁶⁰



Figura 17 - Sala da família, sem data.⁶¹

⁵⁹ A parte mais elevada de um edifício, que serve para sustentar o teto e cujo desvão pode ser aproveitado como último andar habitável.

⁶⁰ POSSE & CASTRO, op. cit., p. 220.

⁶¹ Acervo: Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, Coordenação de Patrimônio Cultural (CPC).



Figura 18 - Quarto do senhor Garmatter, sem data.⁶²



Figura 19 - Quarto da senhora Edith Garmatter Ritzmann, sem data.⁶³

⁶² Acervo: Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, Coordenação de Patrimônio Cultural (CPC).

⁶³ Idem.



Figura 20 - Banheiro dos aposentos do senhor Garmatter, sem data.⁶⁴

Utilizando destes dados, podemos supor a distribuição da ocupação dos aposentos da seguinte forma: o quarto do casal Garmatter (figura 18) ocupava o aposento ao fundo do lado esquerdo (cômodo 6 da planta pavimento superior – Figura 15), com acesso ao banheiro (cômodo 7 – Figura 15 e Figura 20) e a um pequeno hall (cômodo 8 – Figura 15) com janela para o jardim de inverno. O quarto do casal Ritzmann (cômodo 15 – Figura 15 e Figura 19) ficava nos dois aposentos na frente à direita, onde o quarto dos filhos do casal (cômodo 14 – Figura 15) continha acesso ao quarto dos pais, ao banheiro (cômodo 13 – Figura 15) e ao terraço. A sala de estar da família (cômodo 2 – Figura 15 e Figura 17) se localizava ao centro do edifício com projeção abaulada. Com as descrições não podemos definir a localização exata do quarto do

⁶⁴ Acervo: Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, Coordenação de Patrimônio Cultural (CPC).

filho solteiro do casal Garmatter, e a única descrição afirmava que ficava próxima ao dos pais.

Não é possível identificar quatro aposentos do pavimento superior; sendo os dois aposentos (cômodos 10 e 11 – Figura 15) do lado direito do jardim de inverno que possuía acesso ao banheiro e janelas para o jardim de inverno, e dois quartos (cômodos 3 e 4 – Figura 15) localizados na frente ao lado esquerdo da sala de estar da família, que possuía acesso ao banheiro do casal Garmatter, e a sala de estar. Quanto a estes quatro aposentos, podemos supor que os dois primeiros se destinavam ao “quarto das visitas”, como deixa a entender a neta do proprietário ao dizer que “também residiram temporariamente no palacete até construir sua casa, o quarto filho do casal Garmatter, Carlos, e sua esposa.”⁶⁵ Quanto aos outros dois aposentos, o com acesso a sala de estar da família, poderia ser uma antessala para os quartos, e o segundo, com acesso ao banheiro, o quarto do filho mais novo do casal Garmatter, Julio.

Com um breve relato da parte externa do edifício, recorreremos mais uma vez a entrevista da senhora Glaser, “o terreno era enorme [4.455,00m²] e nós brincávamos muito lá. Nos fundos do terreno, havia um portão de serviço (rua Ermelino de Leão), um canil e um cercado com um tanque para os marreco. Aos domingos, toda família se reunia no almoço. Os parentes e os amigos vinham com seus carros brilhando e estacionavam no pátio dos fundos.”⁶⁶ Na fotografia abaixo (figura 21),

⁶⁵ POSSE & CASTRO, *op. cit.*, p. 215.

⁶⁶ POSSE & CASTRO, *op. cit.*, p. 214.

podemos ver o pátio ao fundo da casa, aos pés da escadaria que tinha em suas colunas pontos de luz, e também vemos a entrada da garagem e o piso de ladrilho de cimento.



Figura 21 – Família Garmatter, nos fundos de seu palacete, sem data.⁶⁷

A família Garmatter residiu no palacete até 1938, quando a residência foi comprada pelo Governo do Estado do Paraná. Por fim a senhora Glaser conta o destino de seus avós após a venda da casa, “com a mudança de Edith para sua própria residência, meus avós construíram outra, no bairro das mercês e venderam o palacete para Manoel Ribas”.⁶⁸

⁶⁷ POSSE & CASTRO, op. cit., p. 213.

⁶⁸ POSSE & CASTRO, op. cit., p. 220.

3

PALÁCIO SÃO FRANCISCO

A sede do Governo do Estado do Paraná até 1938 localizava-se na Rua Barão do Rio Branco, 399, na região central da cidade de Curitiba, no então denominado Palácio da Liberdade.⁶⁹

Em 1929 o governo se viu na necessidade de uma nova sede para abrigar o poder executivo, tentando articular a construção de um novo espaço, que não foi concretizado. Somente com o interventor do estado, o senhor Manoel Ribas, em 1938, foi possível uma mudança de sede. Manoel Ribas convenceu seu amigo Julio Garmatter a vender seu palacete para se tornar a nova sede do governo do estado do Paraná.⁷⁰ De acordo com o Relatório de Manoel Ribas, o prédio foi adquirido por quatrocentos contos de réis:

Determinamos a aquisição de moderno edificio, para a instalação do Palacio do Governo, o que foi feito pelo valor de quatrocentos contos de réis. Trata-se de um predio de ótima construção, situado no centro de amplo terreno, onde já foram construídas as demias instalações necessárias, cujo custo de elevou a Rs. 46:450\$000.⁷¹

⁶⁹ Datado do período de 1870 – 1890, foi idealizado para ser a residência da família de Leopoldo Ignácio Weiss que, após 1890, foi vendido para o Governo do Paraná, sendo utilizado como sede do poder executivo de 1892 até 1937. Nos dias atuais o edificio é ocupado pelo Museu da Imagem e do Som do Paraná desde 1989. In: CASTRO, Elizabeth Amorim de. **Edifícios públicos de Curitiba: ecletismo e modernismo na arquitetura oficial**. Curitiba, PR: E. Amorim de Castro, 2011, p. 58-64.

⁷⁰ CASTRO, op. cit., p. 64

⁷¹ PARANÁ, Governo. 1939. Relatório apresentado a S. Excia. O Snr. Dr. Getulio Vargas M. D. Presidente da Republica pelo Snr. Manoel Ribas, Interventor Federal do Paraná. Exercício de 1932 a 1939. Curitiba, Empresa Gráfica Paranaense, 1939, p. 8-9.

Ao se tornar sede do governo, o palacete recebeu a denominação de Palácio São Francisco, fazendo referência ao bairro onde estava localizado. Desde quando era uma residência o palacete “já contava com monta-carga e sistema de aquecimento de água. Não foi difícil, portanto, a passagem de uso residencial para institucional.”⁷²

O palácio do governo já se acha instalado nas suas novas acomodações no palacete Garmatter, cuja as dependências vastas e modernas preencheram as exigências do serviço, que o sobradinho da rua Barão do Rio Branco não mais comportava.⁷³

Com a compra da residência pelo governo do estado do Paraná, houve alterações apenas estéticas no edifício, buscando criar um ambiente austero na maioria dos aposentos para abrigar suas novas funções administrativas. Por meio de análise das imagens e dados, conseguimos perceber mudanças já no período em que o interventor Manoel Ribas ocupou o Palácio São Francisco (1938-1945).

Na fotografia abaixo (Figura 22) vemos o senhor Manoel Ribas e outras autoridades assinando documentos no antigo quarto do senhor Garmatter (cômodo 6 – Figura 15) e já com a pintura da parede alterada.

⁷² CASTRO, Elizabeth Amorim de. **Edifícios públicos de Curitiba: ecletismo e modernismo na arquitetura oficial**. Curitiba, PR: E. Amorim de Castro, 2011, p. 67.

⁷³ CORREIO DO PARANÁ. Notícia do Dia. Número 1849, ano VI, 10 de fevereiro de 1938, p. 1.



Figura 22 – Manoel Ribas em um dos aposentos do Palácio São Francisco, sem data.⁷⁴

As fotos relacionadas a seguir referem-se ao período de governo do senhor Bento Munhoz da Rocha Neto, governador de 1951 a 1954, estas imagens fazem parte do acervo fotográfico do Museu Paranaense, doadas pela família do ex-governador em 2015.

⁷⁴ Manoel Ribas, Manoel de Oliveira Franco e outras autoridades. Acervo: Museu Paranaense.



Figura 23 - Hall do Palácio São Francisco, 27 de novembro de 1953.⁷⁵



Figura 24 - Sala de eventos do Palácio São Francisco, 13 de agosto de 1952.⁷⁶

⁷⁵ Bento Munhoz da Rocha Neto no Palácio São Francisco. Acervo: Museu Paranaense.

⁷⁶ Bento Munhoz da Rocha Neto com Comissão de Ponta Grossa no Palácio São Francisco. Acervo: Museu Paranaense.

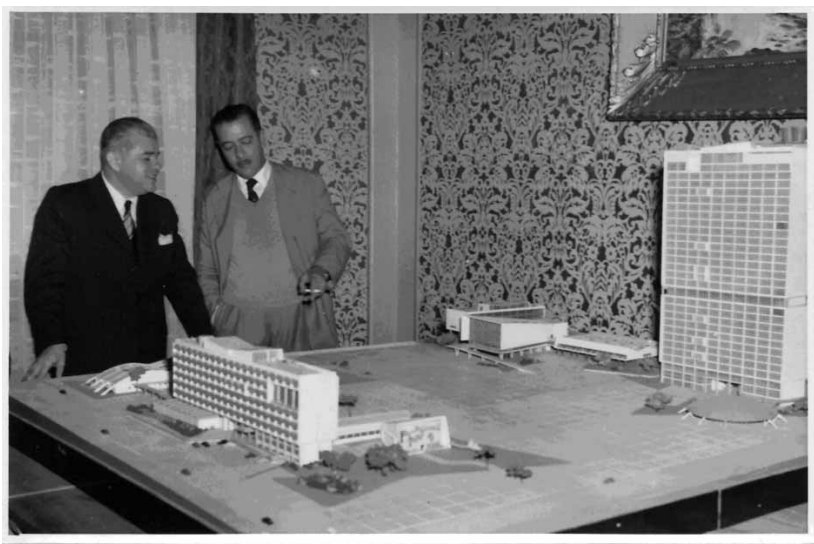


Figura 25 - Sala do Palácio São Francisco, 13 de maio de 1953.⁷⁷

De acordo com análise das imagens é possível perceber que a maioria das salas recebeu uma pintura clara com texturas, os aposentos antes ocupados pela sala de jantar da família (cômodo 7 – Figura 8), perderam os lambris de imbuia, e a saleta (cômodo 8 – Figura 8) anexa à antiga sala de jantar recebem pinturas decorativas elaboradas utilizando o método de estêncil (Figuras 24 e 25). A sala de estar (cômodo 6 – Figura 8) teve a pintura modificada para um tom claro com textura, e foi incluído ao lambri um porta-bandeira ao lado esquerdo da parede da lareira (Figura 23).

No terraço da mansarda do palácio foi inserido um mastro para hastear a bandeira. No jardim de inverno (cômodo 9 – Figura 15) o

⁷⁷ Bento Munhoz da Rocha Neto com o Aliomar Baleeiro no Palácio São Francisco. Acervo: Museu Paranaense.

painel com vidros importados com motivos floridos e a floreira foram substituídos por um “trabalho em viro lapidado, executado por atelier do Rio Grande do Sul, tendo como motivo as cataratas do Iguaçu”.⁷⁸



Figura 26 - Salão de jantar do Palácio São Francisco, 15 de janeiro de 1951.⁷⁹

⁷⁸ LA PASTINA FILHO, José. **O Palácio São Francisco, Arquitetura e Restauração**. In: Secretaria de Estado da Cultura. Museu de Arte do Paraná. Folheto. Curitiba, 1987.

⁷⁹ Bento Munhoz da Rocha Neto em jantar no Palácio São Francisco. Acervo: Museu Paranaense.



Figura 27 - Sala de reuniões do Palácio São Francisco, 12 de outubro de 1951.⁸⁰

No período do governador Bento Munhoz da Rocha Neto, a antiga sala de jantar (cômodo 7 – Figura 8) foi utilizada para eventos e recepções oficiais, a sala de estar (cômodo 6 – Figura 8) foi convertida em sala de audiências públicas.

No pavimento superior os aposentos (cômodos 10, 11 e 14 – Figura 15) do lado direito da construção foram ocupados pelo gabinete do governador (Figura 27), e a antiga sala de estar da família (cômodo 2 – Figura 15) perdeu sua pintura estilizada para receber uma textura e cor monocromática, mas manteve suas arandelas,⁸¹ e se tornou salão de jantares oficiais (Figura 26).

⁸⁰ Bento Munhoz da Rocha Neto em seu gabinete no Palácio São Francisco. Acervo: Museu Paranaense.

⁸¹ Armação de alumínio, madeira, ferro, etc., usada para fixar portas e janelas.

As modificações no terreno do edifício foram maiores: ao fundo do terreno foram inseridas três construções, duas em alvenaria e uma em madeira. O antigo portão de serviço com acesso à rua Ermelino de Leão recebeu a construção de uma guarita, assim como o portão principal na rua Dr. Kellers (Figura 28) e outra no muro na rua Ébano Pereira. O revestimento do piso externo, que era em ladrilhos de cimento, recebeu o revestimento em cimento bruto, e os jardins receberam calçamento em pedras de paralelepípedo (Figura 29).



Figura 28 - Fachada do Palácio São Francisco, sem data.⁸²

⁸² Acervo: Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, Coordenação de Patrimônio Cultural (CPC).



Figura 29 - Entrada do Palácio São Francisco, Sem data.⁸³

Bento Munhoz da Rocha Neto permaneceu com o aparato estadual no Palácio São Francisco até 19 de dezembro de 1954, quando a sede do Governo foi transferida para o recém-inaugurado Palácio Iguçu, no Centro Cívico. O direito de uso do edifício foi passado para o ministério da agricultura, mas o governador Bento Munhoz da Rocha Neto, após a transferência da sede do executivo, realizou a concessão do uso “para a união do palacete S. Francisco para abrigar o Tribunal Regional Eleitoral.”⁸⁴

Durante os dezesseis anos (1938-1954) de utilização do Palácio São Francisco governaram:

⁸³ Idem.

⁸⁴ POLINARI, Marcelo. **Breve Histórico do Palácio São Francisco**. Texto datilografado. Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, Coordenação de Patrimônio Cultural (CPC), 1987, p. 3.

- O Sr. Manoel Ribas até a data de novembro de 1945
- O Sr. Clotário de Macedo Portugal até fevereiro de 1946
- O Sr. Brasil Pinheiro Machado até outubro de 1946
- O Sr. João Candido Ferreira Filho
- O Sr. Mario Gomes da Silva
- O Sr. Antonio A. de Carvalho Chaves Pres. da Assembl.
- O Sr. Moisés Lupion de março de 1947 a janeiro de 51
- O Sr. Guataçaba Borba Carneiro Pres. da Assembl.
- O Sr. Bento Munhoz da Rocha Netto de janeiro de 1951 a 1953 ano que se comemorou o centenário da emancipação política do Paraná e se inaugurou o Palácio Iguazu.⁸⁵

Um exemplo das mudanças deste período que conseguiram se perpetuar ao longo das utilizações foi a construção de anexos nos fundos do terreno para acomodar o aparato burocrático do executivo, que só foram demolidos em 2002, e a modificação do portão principal, que foi acrescido de guaritas, só retiradas em 1987.

⁸⁵ POLINARI, op. cit., p. 4.

4

TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DO PARANÁ

A história do Tribunal Regional Eleitoral do Paraná (TRE-PR) começou em 09 de junho de 1932, quando foram iniciadas suas atividades, e passou por vários endereços. Foi extinto em 1937 devido ao governo de Getúlio Vargas e reaberto em 1945. Após reaberto, o tribunal funcionou no Palácio do Congresso (atual Palácio Rio Branco), e funcionou como tribunal eleitoral até o ano de 1954. Depois deste período o TRE ocupou um edifício na Avenida Marechal Floriano Peixoto, esquina com a Praça Carlos Gomes, onde hoje é a sede da Caixa Econômica Federal. No final de 1954, o governador do estado Bento Munhoz da Rocha Neto cedeu a ex-sede do Governo do Estado para ser ocupada pelo Tribunal Regional Eleitoral, permanecendo no palácio São Francisco até o ano de 1987.⁸⁶



Figura 30 - Fachada frontal do TRE, 1987.⁸⁷

⁸⁶ TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DO PARANÁ. Revista. **80 anos TRE/PR**. Curitiba, v.3, 2012.

⁸⁷ Acervo: Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, Coordenação de Patrimônio Cultural (CPC).

O TRE-PR foi a instituição que ocupou o maior período o Palácio São Francisco: foram trinta e três anos ininterruptos, e o período em que teve maiores modificações internas e externas no edifício.

Com o crescimento do número de eleitores, o espaço físico do palacete dos Garmatter deixou de ser suficiente para as necessidades do TRE, principalmente para se fazer a apuração das eleições. Como o palacete ocupava uma área equivalente a aproximadamente $\frac{1}{4}$ do terreno que, na verdade eram três terrenos, foram feitos anexos ao edifício para atender as necessidades de espaço do TRE. A aprovação do projeto de ampliação data do ano de 1961.⁸⁸

Esta ampliação foi idealizada seguindo as mesmas características do palácio São Francisco, como uma continuidade na fachada externa, estendendo o comprimento da construção já existente. Partindo da lateral do palácio ao lado da rua Ébano Pereira, utilizou da técnica de concreto armado para a estrutura e esquadrias⁸⁹ em metal (Figura 30). A fim de adaptar o edifício para atender a demanda burocrática do tribunal, o seu interior sofreu mudanças, reformas e divisões improvisadas.

Em 1987, o interior do palácio se encontrava da seguinte maneira, no pavimento térreo, o espaço da antiga sala de estar (cômodo 6 – Figura 8) foi dividido por uma parede de madeira, para criar duas salas. A antiga saleta (cômodo 8 – Figura 8) ao lado da sala de jantar

⁸⁸ POLINARI, op. cit., p. 3.

⁸⁹ Armação de alumínio, madeira, ferro, etc., usada para fixar portas e janelas.

teve uma porta criada com acesso à antiga copa (cômodo 9 – Figura 8) da casa. As arandelas da antiga sala de jantar foram retiradas. O terraço coberto (cômodo 18 – Figura 8) na parte posterior do edifício foi fechado e inseridas janelas basculantes, para criar uma nova sala (Figura 31).



Figura 31 - Fachada posterior do TRE, 1987.⁹⁰

No pavimento superior o jardim de inverno (cômodo 9 – Figura 15) teve um vão criado abaixo do vitral para acomodar um aparelho de ar condicionado (Figura 31). A parede que separava o antigo quarto da filha do proprietário (cômodo 15 – Figura 15), Edith Garmatter Ritzmann, e a sala de estar da família (cômodo 2 – Figura 15) foi retirada, como também o fosso do elevador monta-carga, com o objetivo de ampliar o espaço interno. No terraço sobre a entrada foram construídas paredes e colocada uma cobertura, transformando em nova sala.

⁹⁰ Acervo: Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, Coordenação de Patrimônio Cultural (CPC).

Em 1961, buscando ampliar o espaço para uso pelo TRE-PR, foi criado um anexo com dois pavimentos e um porão, rente ao palácio do seu lado direito, ao lado da Rua Ébano Pereira. Seguindo as mesmas características do palácio São Francisco, modificando as janelas que são utilizadas esquadrias de metal, possui uma escadaria para o acesso lateral e um grande vitral.

Após o acréscimo do anexo que alonga a leitura da construção do palácio, modificando a configuração do terreno, foi mantido as construções no fundo do terreno e um jardim na lateral da Rua Ermelino de Leão, e as guaritas no portão principal e no portão de serviço. As luminárias que antes existiam nas colunas da rampa de entrada e também nas colunas da escadaria do terraço foram retiradas.

O acordo de cessão para a União do Palacete S. Francisco para Abrigar o Tribunal Regional Eleitoral reza que a cessão seria a título provisório até que o Estado do Paraná possuísse um milhão de eleitores, o que já ocorreu há muito tempo e só agora em 1987 o TRE desocupou o edifício que será transformado em museu de arte paranaense e centro de restauro de documentos e obras de arte.⁹¹

Quanto ao uso de cada espaço no interior do edifício, não temos nenhum dado apontando sua utilização. As únicas fotos encontradas são do período do restauro de 1987, que fazem parte do acervo da

⁹¹ POLINARI, Marcelo. **Breve Histórico do Palácio São Francisco**. Texto datilografado. Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, Coordenação de Patrimônio Cultural (CPC), 1987, p. 3.

Coordenação do Patrimônio Cultural (CPC) da Secretaria do Estado da Cultura do Paraná e serão mostradas no capítulo seguinte.

Em 1987, o TRE-PR mudou sua sede para um edifício na Alameda Cabral, 184, esquina com a Rua Cruz Machado. Contudo, continuou ocupando o anexo construído no palácio até meados da década de 1990,⁹² dividindo a edificação com o Museu de Arte do Paraná.

⁹² TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DO PARANÁ. Revista. **80 anos TRE/PR**. Curitiba, v.3, 2012.

5

MUSEU DE ARTE DO PARANÁ

O Museu de Arte do Paraná foi criado para exposição do acervo pertencente ao Estado do Paraná, originado pelo “decreto nº 10.347 de 10 de março de 1987”,⁹³ e tinha como objetivo “concentrar a pinacoteca pertencente ao patrimônio do Estado, que se encontrava dispersa nos vários órgãos da administração pública”.⁹⁴

Funcionou no Palácio São Francisco dos anos de 1987 até o ano de 2002. Seu acervo foi constituído em maior parte por itens já pertencentes ao Estado. A criação do MAP e sua ocupação no Palácio São Francisco possibilitou uma discussão em torno do tombamento da edificação:

Tendo em vista a importância histórica e excepcional situação física do prédio do Museu de Arte do Paraná no contexto paisagístico da cidade (não obstante a existência dos acréscimos condenáveis), solicitamos gestões da Coordenadoria de Museus junto ao Conselho de Patrimônio Histórico e Artístico do Paraná / CPC no sentido de se promover o tombamento desse imóvel a nível estadual.⁹⁵

Este memorando, datado de 1 de julho de 1987, retrata o apoio e esforços do diretor interino do Museu de Arte do Paraná, Ennio

⁹³ PARANÁ. Secretaria de Estado da Cultura. Museu de Arte do Paraná. Folheto. Curitiba, 1987.

⁹⁴ PARANÁ. Secretaria de Estado da Cultura. Documento encaminhado pelo Museu de Arte do Paraná ao Ex. Sr. Dr. Eduardo Rocha Virmond, secretário de Estado da Cultura. Curitiba, 18 de abril de 1995.

⁹⁵ FERREIRA, Ennio Marques. **Museu de Arte do Paraná. 2 anos de suave resistência**. 1987. In: Casa da Memória de Curitiba.

Marques Ferreira, para o tombamento do Palácio São Francisco como um patrimônio histórico do Estado. Tal esforço foi concretizado meses depois, sendo inscrito “no livro Tombo Histórico sob o nº 87-II em data de 26/11/1987”.⁹⁶

Devolvido ao governo do estado foi restaurado pela Curadoria do Patrimônio Histórico e Artístico, com apoio da SPHAN/Pró Memória, cujo representante no Paraná, o arquiteto José La Pastina Filho, coordenou os trabalhos de restauração da arquitetura. Os de pintura de tetos e paredes internas foram dirigidos pela restauradora Suely Deschermayer.⁹⁷

Em 1987, com a devolução do palácio São Francisco ao governo do Estado do Paraná pelo TRE-PR, houve a elaboração de um projeto de restauração da construção histórica, sendo que o anexo ainda estava sendo ocupado pelo Tribunal Eleitoral. A restauração foi idealizada para recuperar os desgastes das utilizações passadas e preparar o edifício para uma nova utilização pelo Museu de Arte do Paraná (MAP), que necessitava de salas de exposições e áreas administrativas. De acordo com o arquiteto do IPHAN, José de La Pastina Filho, responsável pelo projeto de restauração do Palácio:

Quanto aos espaços internos, buscou-se a valorização da concepção original através da remoção dos elementos espúrios

⁹⁶ PARANÁ. Secretaria de Estado da Cultura. **Informação Nº 034/02 – CPHA**. Coordenação de Patrimônio Cultural (CPC), Curadoria do patrimônio histórico e artístico. Curitiba, 9 de abril de 2002.

⁹⁷ LYRA, Cyro Côrreia. **Guia dos Bens Tombados – Paraná**. Expressão e Cultura, Rio de Janeiro, 1994. p. 49-50.

que dificultavam a leitura espacial, como paredes divisórias, luminárias suplementares, forrações de piso, etc.

[...]

De um modo geral, as intervenções sofridas pelo edifício original não foram executadas de modo irreversível, permitindo, através de prospecções⁹⁸ e graça às informações iconográficas contidas em álbum cedido pela família Garmatter, dar início à restauração não só dos espaços internos, mas principalmente da decoração interior.

Dessa forma, foi possível definir o esquema cromático da pintura interna, onde se nota a predominância de tons fortes e escuros, característica do gosto da época.

Para atender a necessidades de ordem museológicas, as intervenções procedidas não chegaram a alterar a concepção arquitetônica original, caracterizando-se por sua linguagem contemporânea.⁹⁹

No térreo, na maioria das salas foram criadas janelas prospectivas¹⁰⁰ através do método de decapagem,¹⁰¹ revelando as antigas pinturas da época do palacete e as mantendo preservadas.

⁹⁸ Análise minuciosa que, feita através de técnicas especializadas, avalia uma obra, buscando encontrar camadas inferiores.

⁹⁹ LA PASTINA FILHO, José. **O Palácio São Francisco, Arquitetura e Restauração**. In: Secretaria de Estado da Cultura. Museu de Arte do Paraná. Folheto. Curitiba, 1987.

¹⁰⁰ “Janelas prospectivas é uma área de decapagem da pintura que encobre a pintura mural, ou seja, uma prospecção de maior dimensão na parede, com objetivo de colocar em evidência uma das camadas pictóricas a qual quer deixar-se em evidência.” In: ESCORTEGANHA, Márcia Regina. **Técnica de restauro em pintura mural**. Estudo de caso - Sala do Telégrafo - Palácio Cruz e Souza. Tese (Doutorado). Florianópolis, SC, 2014, p. 174.

¹⁰¹ Remoção de tinta, verniz ou produto similar da superfície onde está aplicado.

O cômodo com lareira (cômodo 6 – Figura 8) recebeu nova iluminação com lâmpadas fluorescente e reintegração do espaço, retirando a divisão de madeira inserida pelo TRE-PR.



Figura 32 - Retirada dos arquivos do TRE no Palácio São Francisco, 1987.¹⁰²

¹⁰² Acervo: Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, Coordenação de Patrimônio Cultural (CPC).



Figura 33 - Desmorte da estrutura no terraço do Palácio São Francisco, 1987.¹⁰³

¹⁰³ Acervo: Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, Coordenação de Patrimônio Cultural (CPC).



Figura 34 - Sala de exposição do MAP, 1987.¹⁰⁴

A antiga sala de jantar (cômodo 7 – Figura 8) recebeu um processo de limpeza nas pinturas parietais (Figura 32), assim como também a saleta ao lado (cômodo 8 – Figura 8). O terraço (cômodo 13 – Figura 8) teve sua função reestabelecida, sendo retirada a parede que haviam levantado no período do TRE-PR (Figura 33). Todas as aberturas que havia para o lado onde se encontrava o anexo foram fechadas (Figura 34).

No pavimento superior, também houve prospecções de pinturas antigas, e as aberturas que davam para o anexo foram fechadas. A construção criada sobre o terraço da entrada foi retirada, restabelecendo a ideia de espaço aberto. Foi reconstituída a parede e o fosso do elevador monta-carga, que passava em paralelo ao antigo quarto da senhora Edith Garmatter Ritzmann (cômodo 15 – Figura 15).

¹⁰⁴ Acervo: Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, Coordenação de Patrimônio Cultural (CPC).



Figura 35 - Restauro da antiga sala da família do Palácio São Francisco, 1987.¹⁰⁵



Figura 36 -
Jardim de inverno do MAP, 1987.¹⁰⁶

¹⁰⁵ Acervo: Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, Coordenação de Patrimônio Cultural (CPC).

¹⁰⁶ Idem.

No jardim de inverno (cômodo 9 – Figura 15) foi recuperado o espaço abaixo do vitral e no lugar de duas janelas foram abertas portas ligando-o as salas laterais (Figura 36). Ainda no jardim de inverno, La Pastina relata a existencia de permanências:

Algumas contribuições das intervenções de 1938 foram respeitadas, como por exemplo o belo trabalho em vidro lapidado, executado por atelier do Rio Grande do Sul, tendo como motivo as cataratas do Iguaçu.¹⁰⁷

O antigo banheiro do palacete (cômodo 5 – Figura 15) foi acarpetado, e nas duas salas ao lado foram criadas mais uma abertura para uma porta (cômodos 3 e 4 – Figura 15). Na antiga sala de estar da família do palacete (cômodo 2 – Figura 15) foram retiradas as arandelas e os lambris e as paredes receberam pontos de prospecções da pintura da época do palacete (Figura 35).

No sótão (planta sótão, Figura 16) foi retirado o espaço destinado para banheiro que existia no pátio interno. O local teve duas janelas criadas na parede ao lado da escada, e todas as portas que existiam para a parede da frente do edifício foram modificadas e transformadas em janelas. Houve também o tratamento de recuperação das madeiras do piso e forro.

Em todas as salas houve a instalação de iluminação moderna

¹⁰⁷ LA PASTINA FILHO, José. **O Palácio São Francisco, Arquitetura e Restauração**. In: Secretaria de Estado da Cultura. Museu de Arte do Paraná. Folheto. Curitiba, 1987.

com lâmpadas fluorescentes, e ocorreu a recuperação do piso de madeira e dos tetos de forro paulista e estuque,¹⁰⁸ sendo o forro de algumas salas totalmente reconstituído. Todas as portas criadas seguiram as mesmas estéticas das portas existentes.



Figura 37 - São Francisco pós-restauração de 1987, sem data.¹⁰⁹

Focando em restaurar a leitura do conjunto arquitetônico, levando em consideração o anexo agregado ao palácio, os idealizadores do restauro buscaram uma diferenciação entre as construções, o anexo foi pintado de uma cor mais clara que a do palácio para diferenciar seus períodos de construção (Figura 37).

¹⁰⁸ Espécie de argamassa feita geralmente com pó de mármore, cal fina, gesso e areia para criar uma superfície leve e fina para fixação no teto do ambiente.

¹⁰⁹ Fonte: Assessoria de Comunicação Social do TRE/PR.

No processo de restauração ora em andamento, adotou-se o critério de diferenciar estas fases através da utilização de duas tonalidades de cor para as paredes externas, recebendo o edifício original o tom mais escuro, de modo a valorizá-lo no contexto da praça, cor esta bastante próxima da textura original.

Ainda em relação à volumetria, eliminou-se o compartimento construído sobre o terraço da entrada principal, bem como a parede que vedava o espaço definido pelos dois corpos do edifício, restituindo-se a função original da escadaria na elevação posterior.¹¹⁰

Outras mudanças no terreno foram a recuperação dos portões, sendo retiradas as antigas guaritas e desmanchada a antiga construção de madeira nos fundos do terreno.

Baseados em fotos pertencentes ao Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC), podemos supor que o uso dos espaços pelo MAP em sua maioria era destinado a exposição das obras. Outros usos, porém, foram concebidos: o porão foi usado para depósito, a antiga cozinha para apoio técnico, e as salas do lado direito do jardim de inverno para reserva técnica, além do sótão que era destinado à parte administrativa do museu.

Cyro Correia Lyra descreve o Palácio São Francisco e seu processo de restauração:

¹¹⁰ LA PASTINA FILHO, José. **O Palácio São Francisco, Arquitetura e Restauração**. In: Secretaria de Estado da Cultura. Museu de Arte do Paraná. Folheto. Curitiba, 1987.

Esse edifício de dois pavimentos, subsolo e sótão, está construído no meio do terreno. Sua arquitetura, marcada pelo predomínio das superfícies cegas, monumentalidade de escala, ausência de ornamentos e rigor da composição, revela influência germânica, frequentemente presente em Curitiba. Espelha também o período de transição entre o ecletismo neoclássico e o modernismo, mantendo, do primeiro, a simetria, manifesta na imponente fachada posterior; e do segundo, a nudez das paredes. O sótão, não ocupando toda a superfície da casa é cercado por um terraço de cobertura, cujo o guarda-corpo,¹¹¹ de alvenaria, parcialmente vazado, é a platibanda¹¹² de arremate das fachadas. Destacam-se do rígido volume o pórtico coberto por terraço, que protege a entrada situada na fachada lateral, e a parede saliente, de forma cilíndrica, na frontaria do Palácio. A restauração de 1987, reestabeleceu de modo geral a divisão dos espaços, revelou o tratamento original das paredes, eliminou o compartimento construído sobre o pórtico da entrada mas manteve o edifício contíguo ao Palácio, erguido nos anos 60, distinguindo-o porém através de diferenciação da tonalidade pictórica.¹¹³

Apesar do processo de restauração para a sua acomodação, o MAP, que ocupava apenas o prédio histórico, enfrentava problemas de espaço, como explicado em relato de 1995: “todas as dependências do prédio estão tomadas pela apresentação do acervo, estando inclusive algumas salas de exposição ocupadas por setores administrativos

¹¹¹ Toda proteção que cerca uma ponte, varanda, terraço etc., cujo propósito é salvaguardar o corpo, evitando uma queda.

¹¹² Grade ou muro que rodeia um terraço.

¹¹³ LYRA, Cyro Côrreia. **Guia dos Bens Tombados – Paraná**. Expressão e Cultura, Rio de Janeiro, 1994, p. 50.

indispensáveis.”¹¹⁴ De acordo com documento encaminhado pelo Museu de Arte do Paraná, em 1995, ao então Secretário de Estado da Cultura, Eduardo Rocha Virmond, foi solicitado no período para “destinar ao MAP o prédio anexo, ainda parcialmente ocupado pelo TRE”,¹¹⁵ mas apesar da solicitação o anexo acabou não sendo cedido. O MAP acabou sendo realocado em outra sede, e posteriormente dissolvido, com seu acervo encaminhado para o recém-criado Novo Museu (atual Museu Oscar Niemeyer) e o Museu Paranaense.

¹¹⁴ PARANÁ. Secretaria de Estado da Cultura. Documento encaminhado pelo Museu de Arte do Paraná ao Ex. Sr. Dr. Eduardo Rocha Virmond, secretário de Estado da Cultura. Curitiba, 18 de abril de 1995.

¹¹⁵ Idem.

6

MUSEU PARANAENSE

O Museu Paranaense surgiu como fruto das exposições de produção agrícola e industrial da província do Paraná que ocorriam ao longo do século XIX, sendo a consolidação da ideia desenvolvida pelo desembargador Agostinho Ermelino de Leão e o médico José Cândido da Silva Murici, intelectuais e políticos da época e que “foram dois integrantes destas comissões organizadoras das exposições na província do Paraná.”¹¹⁶

Ao longo das organizações das exposições e ligados as áreas da ciência, eles começaram a elaborar uma ideia de como perpetuar a exposição destas “amostras da produção agrícola e industrial da província e expor e difundir as riquezas do Paraná.”¹¹⁷

O presidente da província Adolpho Lamenha Lins, por decreto, nomeou uma comissão constituída por Agostinho Ermelino de Leão, José Cândido da Silva Murici e o engenheiro André Braz Chalréo Junior para tratar da fundação e instalação deste museu.¹¹⁸

Com a criação do museu, começaram as doações para que se formasse o acervo, e “dessa forma, o Museu Paranaense foi estabelecido em um prédio próprio provincial e destinado a reunir e conservar sob sua guarda.”¹¹⁹ Começando a angariar “os produtos naturais e industriais

¹¹⁶ CARNEIRO, Cintia Braga. **O Museu Paranaense e Romário Martins: a busca de uma identidade para o Paraná**. Curitiba: Somp, 2013, p. 49.

¹¹⁷ Idem.

¹¹⁸ Idem.

¹¹⁹ CARNEIRO, op. cit., p. 54.

que interessassem ao estudo da história natural ou que mostrassem as riquezas da província.”¹²⁰ Os primeiros acervos eram divididos em quatro diferentes seções:

1^a: antropologia, zoologia e paleontologia animal; 2^a botânica em geral e paleontologia vegetal; 3^a mineralogia e geologia e 4^a: arqueologia, etnografia e numismática.¹²¹

Ao longo do seu período de funcionamento até os tempos atuais o Museu Paranaense sempre foi uma importante representação em âmbito estadual. Sendo uma autoridade museológica no Paraná, participou da criação, em parceria com a Secretaria do Estado da Cultura, do Projeto de Apoio às Unidades Museológicas¹²² nas décadas de 1970 e 1980.

O museu não possuía uma sede própria, ocupando os espaços que eram disponibilizados a ele, contabilizando seis sedes, entre públicas e particulares. Desde setembro de 1973 estava instalado no edifício da antiga Prefeitura Municipal de Curitiba [Paço da Liberdade] à praça Generoso Marques, ocupa área total de 1.895 m².¹²³

¹²⁰ CARNEIRO, op. cit., p. 54.

¹²¹ CARNEIRO, op. cit., p. 55.

¹²² Museu Coronel David Carneiro: RELATORIO SOBRE A AVALIAÇÃO DO MUSEU CORONEL DAVID CARNEIRO. 1988. Iphan. Curitiba, 1988. In: Pastas de relatórios sobre o Museu David Carneiro na Superintendente do IPHAN – Paraná.

¹²³ PARANÁ. Museu Paranaense. Proposta para utilização do Palácio São Francisco. Sem data. In: Secretaria de Estado da Cultura, Coordenação de Patrimônio Cultural (CPC).

Enquanto ocupando o Paço, o Museu Paranaense enfrentou dificuldades para se encaixar no espaço do edifício, “as exposições implicam, por consequência, o encobrimento dos elementos do edifício, isto é, portas e janelas, de vez que não há paredes livres.”¹²⁴

Determinada a mudança do Museu Paranaense para o Palácio São Francisco, foi criado um projeto de restauração e ampliação das estruturas existentes entre finais de 2001 e primeiro semestre de 2002. Os projetos das plantas foram dos arquitetos Fernando Popp (CREA-PR 11.776D) e Valéria Bechara (CREA-RJ 6.266-7). Segundo documentação datada de 2006,¹²⁵ duas empresas foram responsáveis pelas obras: pelo restauro do Palácio São Francisco, COENGE – Construções e Empreendimentos Ltda; pela reforma do primeiro anexo e ampliação das instalações a empresa Construtora e Incorporadora Squadro Ltda. Além dos projetos de restauração do prédio histórico e a reforma do anexo, construído em 1961, também foi idealizada a construção de um segundo anexo no fundo do terreno.

¹²⁴ PARANÁ. Museu Paranaense. Proposta para utilização do Palácio São Francisco. Sem data. In: Secretaria de Estado da Cultura, Coordenação de Patrimônio Cultural (CPC).

¹²⁵ PARANÁ. Secretaria de Estado da Cultura. Relatório Técnico. Curitiba, 2006.



Figura 38 – Complexo do Museu Paranaense, 2018.¹²⁶

Acima (figura 38) temos em destaque todo o atual complexo de edifícios que compõem o Palácio São Francisco e Museu Paranaense: ao centro vemos o prédio histórico com o terraço na cobertura e telhado de cerâmica, à esquerda, com telhado de metal, é visível o anexo construído em 1961 pelo Tribunal Regional Eleitoral do Paraná (TRE), e acima, de maneira discreta e linhas retas e vidros formando um grande triângulo, o edifício projetado e construído em 2002, destinado às exposições do Museu Paranaense.

¹²⁶ GOOGLE. Google Earth In: <<https://earth.google.com/web/@-25.42773191,-49.2763932,932.74540302a,152.586608d,35y,-170.5717015h,21.93259304t,0r>>.

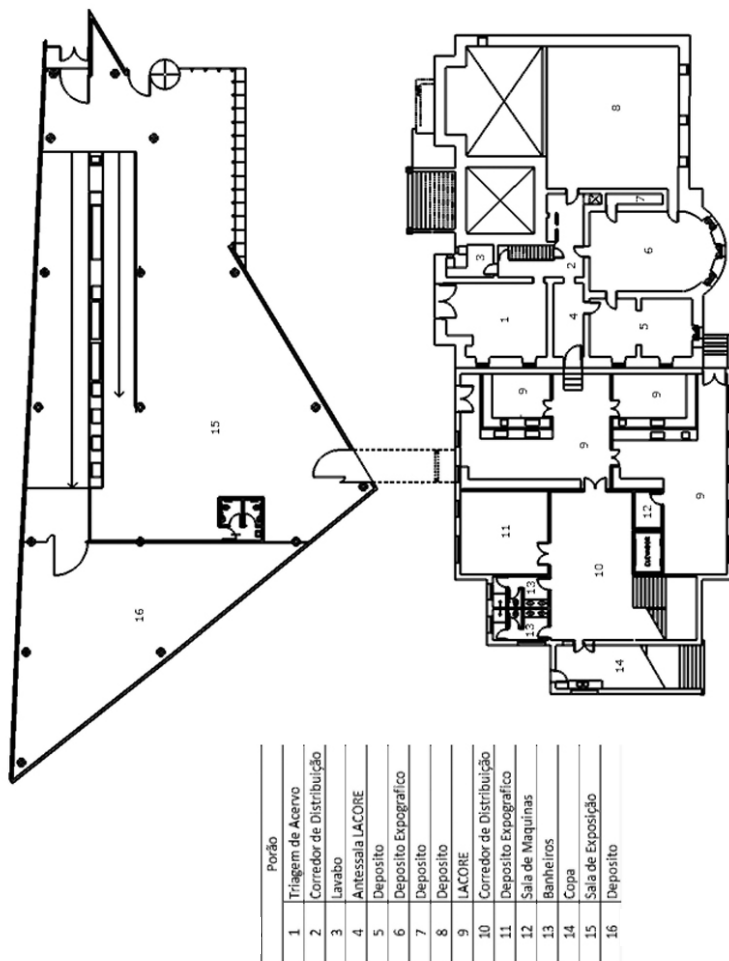


Figura 39 – Planta baixa porão do Museu Paranaense.¹²⁷

¹²⁷ Concepção do autor. Adaptado de plantas arquitetônicas do acervo da Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, Coordenação de Patrimônio Cultural (CPC).



Figura 40 - Retirada de terra do porão, 2002.¹²⁸

O porão do palácio (planta pavimento do porão – Figura 39) passou por uma restauração recuperando a qualidade dos espaços. Foi realizada a remoção da terra da área antes sem uso (cômodo 8 – Figura 39) para ampliar o espaço do porão para depósito (Figura 40). Também foi aberta uma porta em um dos cômodos para interligar com o primeiro anexo (cômodo 4 – Figura 39), onde hoje funciona o setor LACORE (Laboratório de Conservação e Restauração). A antiga garagem (cômodo 1 – Figura 39) teve vários usos pela instituição, foi concebida como sala de uso do setor educativo, local de realização de oficinas, mas também funcionou como setor de Educação Patrimonial. Atualmente é considerada como Sala de Trânsito, onde é armazenado o acervo recém-incorporado para os procedimentos de triagem, higienização, inventário

¹²⁸ Acervo: Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC).

e levantamento inicial. Ainda no porão, os demais cômodos têm como função depósito de material expográfico e exposições itinerantes, reserva de mobiliário e de publicações em duplicata (cômodos 5, 6, 7 e 8 – Figura 39). Esses espaços são de uso restrito dos funcionários, bem como a Sala de Trânsito.

Todo o andar é concebido com o teto em uma altura de, em média, 1,97 metros. É uma altura baixa comparando com a que geralmente é utilizada, de 2,40 metros. Aliado ao fator da altura do teto, a pouca luz natural, na maioria das salas, incorre no acúmulo de umidade no ar. Para combater esta situação o Museu Paranaense utiliza-se de equipamentos desumidificadores de ar, para assim garantir a preservação tanto da estrutura da casa quanto dos bens móveis que se encontram nestes cômodos.

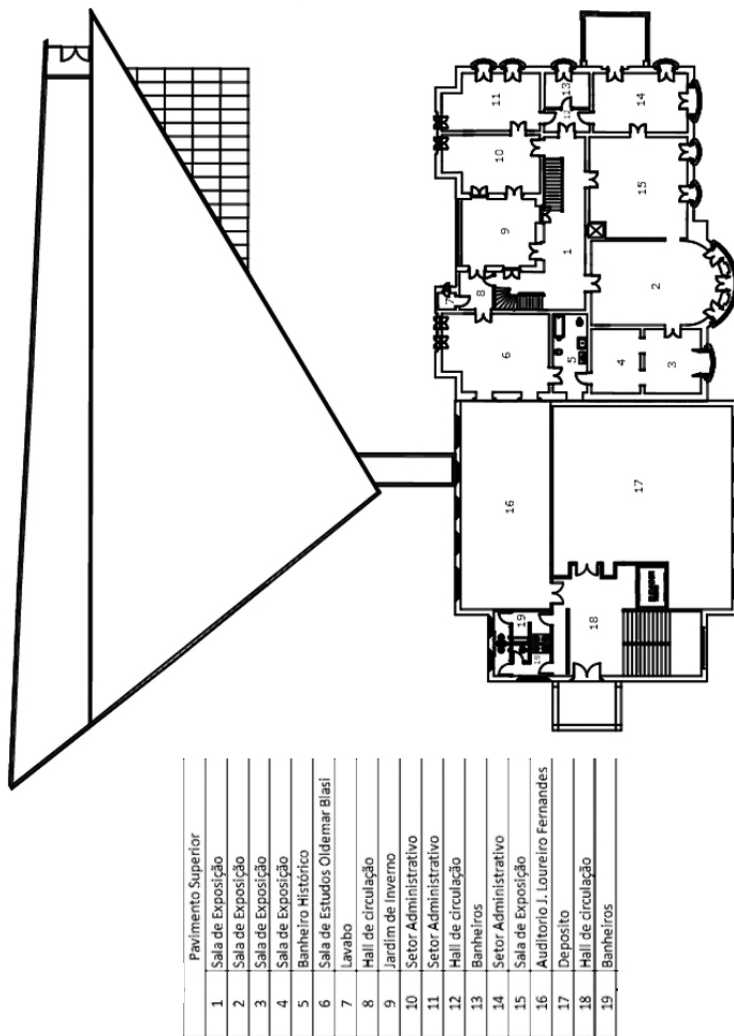


Figura 41 – Planta baixa térreo do Museu Paranaense.¹²⁹

¹²⁹ Concepção do autor. Adaptado de plantas arquitetônicas do acervo da Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, Coordenação de Patrimônio Cultural (CPC).

No processo de restauro de 2002, o andar térreo do edifício histórico (planta pavimento térreo, Figura 41) teve a limpeza e higienização das pinturas e prospecções históricas, a recuperação de forros e pisos com a substituição de peças danificadas e a recuperação das esquadrias em madeira.



Figura 42 - Detalhe hall de entrada Museu Paranaense, 2016.¹³⁰

Ao entrar no Museu Paranaense pela porta principal do Palácio São Francisco há um Hall de entrada (cômodo 1 – Figura 41) com acesso a três cômodos; é pintado em tom de laranja, mantendo a tonalidade graças a uma janela prospectiva sobre uma porta com vidros bisote (Figura 42), datando do período da primeira ocupação do palácio pela família Garmatter.

¹³⁰ Fotografia: Antonio Carlos de Carvalho. 2016.



Figura 43 - Detalhe recepção do Museu Paranaense, 2016.¹³¹

O cômodo do lado esquerdo (cômodo 2 – Figura 41) é onde atualmente funciona a recepção e armários para os visitantes do museu. A sala possui duas janelas, garantindo bastante iluminação do espaço; é pintada em tom azul, seguindo a tonalidade da primeira ocupação, graças a uma janela prospectiva (Figura 43) da época da ocupação pela família Garmatter, e era o escritório do senhor Julio Garmatter.

¹³¹ Fotografia: Antonio Carlos de Carvalho. 2016.



Figura 44 - Detalhe setor Educativo, 2016.¹³²

O cômodo ao lado direito (cômodo 3 – Figura 41) do Hall de entrada, é uma sala que possui mais uma porta e uma janela, sendo toda pintada em tom rosa (Figura 44), também graças a uma janela prospectiva sobre uma das portas, resgatando o período em que este espaço era a copa destinada à família da senhora Edith Garmatter Ritzmann. Este cômodo é utilizado pelo Setor Educativo do Museu Paranaense para atividades lúdicas com os visitantes.

Continuando pela porta da sala de tom rosa, há um cômodo em tom bege (cômodo 4 – Figura 41), ausente de janelas prospectivas que justifiquem o uso da cor; ela possui duas janelas, uma porta lateral e outra que dá acesso ao fundo externo do edifício. Nesta sala há uma alteração realizada na restauração do ano de 2002, o piso que hoje é em madeira era em azulejos, reforçando os relatos que, no período em que

¹³² Fotografia: Antonio Carlos de Carvalho. 2016.

a família Garmatter residia na casa, o espaço era ocupado pela cozinha destinada à senhora Ritzmann. Nesta sala, o Setor Educativo mantém sua área de pesquisa e preparação para as monitorias que realizam aos visitantes.

Seguindo pela outra porta do cômodo de tom bege, entraremos em outro cômodo (cômodo 5 – Figura 41) com pintura bege, também sem a justificativa para o uso da cor; possui três janelas e uma porta em vidro bisote. Neste cômodo há lambris em madeira de lei que sobreviveam desde a primeira ocupação pela família Garmatter. Outra particularidade nesta sala é o lustre que pertenceu à ocupação pelo Governo do Estado (1938-1954). Atualmente este espaço é utilizado para apresentações e palestras aos visitantes, realizadas pelo Setor Educativo.



Figura 45 - Detalhe na Sala São Francisco, 2018.¹³³

¹³³ Fotografia: Antonio Carlos de Carvalho. 2018.

Ao atravessar a porta com vidros bisote, o visitante adentrará na sala (cômodo 6 – Figura 41) com a pintura em tom vermelho, coloração devida a uma janela prospectiva (Figura 45), regatado do período em que o cômodo era a sala de estar da família Garmatter. Esta sala também pode ser acessada pelo Hall de entrada, por uma porta de duas folhas com vidros bisote. Além dessas portas em vidro trabalhado, o espaço possui mais duas neste estilo, uma que dá acesso ao terraço coberto (cômodo 18 – Figura 41), e outra que dá acesso a outra sala interna. Possui ainda duas janelas e uma porta de madeira, sob o qual existe a janela prospectiva citada, que dá acesso ao corredor de serviço. O teto é trabalhado em madeira de lei; em seu espaço possui a escadaria social que leva para o primeiro pavimento; piso em tacos de madeira de lei com desenhos geométricos; lambris de madeira de lei que cercam todo o cômodo e uma lareira. Todas as peças citadas referentes a esta sala até o momento são originais do período da ocupação pela família Garmatter.

Quanto aos acréscimos e mudanças que ocorreram ao longo do tempo, temos o lustre e um porta-bandeira que foi colocado junto ao lambri em uma das paredes. Estas duas peças foram inseridas no período entre 1938-1954, época em que o palácio era ocupado pelo governo do estado.

Até 2002 toda a madeira dos lambris e teto era pintada com tinta laca preta, sendo lixada e envernizada na última restauração. Atualmente o espaço é intitulado de Sala São Francisco, e é a primeira sala expositiva do circuito do Museu Paranaense, recebendo exposições de curta duração.



Figura 46 – Pintura decorativa, sala de exposição, 2018.¹³⁴

Seguindo por uma das portas em vidro trabalhado, citado anteriormente, há uma sala (cômodo 7 – Figura 41) com pinturas decorativas em todas as paredes (Figura 46). Esta sala se difere das outras por ser a única no andar térreo que possui uma parede abaulada. Seu piso é em tacos de madeira de lei que formam desenhos geométricos, possui teto trabalhado em madeira de lei e dois lustres com detalhes em âmbar, sendo estes três apontamentos detalhes originais do período entre 1928-1938, época ocupada pela família Garmatter. Neste período, a sala possuía lambris de madeira de lei e pinturas decorativas com naturezas mortas, mas no período entre 1938-1954, ocupação pelo Governo do Estado do Paraná, foram retirados os lambris e a sala recebeu a atual pintura, que foi preservada até os dias atuais.

¹³⁴ Fotografia: Antonio Carlos de Carvalho. 2018.

Esta sala possui três janelas, uma porta em madeira com acesso ao corredor de serviço e outra porta de duas folhas com vidros lapidados, que foram retiradas, mantendo apenas os batentes, para facilitar a circulação do espaço, uma vez que a sala é usada como circuito de exposição.



Figura 47 – Pintura decorativa, sala de exposição, 2018.¹³⁵

Por além desta porta, sem as folhas com vidros trabalhados, existe outra sala (cômodo 8 – Figura 41) que também possui pinturas em todas as paredes (Figura 47). No passado este espaço era uma saleta do palacete Garmatter, possuía pintura decorativa de flores e duas grandes janelas. Entre 1938-1954, teve a pintura das paredes, alteradas para as que vemos hoje em dia. Entre 1954-1987, período ocupado pelo Tribunal

¹³⁵ Fotografia: Antonio Carlos de Carvalho. 2018.

Regional Eleitoral, a saleta perdeu uma de suas janelas por conta da construção do Anexo em 1961, teve um vão aberto em uma das paredes e uma nova porta foi instalada. Como a sala anterior a esta sala e a seguinte, também possui a função de espaços de exposição.

Seguindo pela porta inserida posteriormente no cômodo, chegamos a outro de proporções modestas (cômodo 9 – Figura 41), sem vestígios das suas ocupações passadas, as paredes estão pintadas na cor branca e não possui nenhuma abertura além da porta já citada. Durante a permanência da família Garmatter no palacete, este cômodo era destinado a copa, possuía apenas uma porta com acesso ao corredor da cozinha e uma janela. A janela foi fechada em 1961; a abertura da porta para a cozinha foi fechada no período entre 1961-1986.

Caso esta porta ainda existisse ela daria acesso ao corredor (cômodo 10 – Figura 41) que antecede a cozinha. Nos tempos de residência da família Garmatter, este corredor apresentava piso em ladrilho vermelho; além da porta com acesso a copa, possuía uma porta com acesso ao corredor de serviço e uma porta larga com painel de madeira com acesso à cozinha e uma janela.

A janela também foi fechada com a construção do anexo em 1961, e em seu lugar foi aberto um vão que ligava as duas construções; em 2002 a sala foi pintada no mesmo tom de vermelho da Sala São Francisco; foram retiradas as folhas das portas, que davam acesso à antiga cozinha e corredor de serviço, e também foi retirado o painel de madeira, mantendo somente os batentes das portas. Posteriormente foi inserida uma vitrine de exposição (Figura 48), e em 2015, no vão entre o edifício histórico e o anexo, foi inserido um expositor interativo, que utiliza meios multimídias.



Figura 48 - Sala de exposição, 2018.¹³⁶



Figura 49 - Sala de exposição, 2015.¹³⁷

¹³⁶ Fotografia: Antonio Carlos de Carvalho. 2018.

¹³⁷ MACEDO, Ricardo. Tour Virtual pelo Museu Paranaense. 2015. Disponível em: <<http://www.ricardomacedo.com.br/360/mpr/index.html>>. Acessado em: 6 de outubro de 2016.

Ao lado do corredor existiu a antiga cozinha (cômodo 11 – Figura 41) da residência Garmatter. Nesta época, a cozinha continha piso de ladrilho e revestimento em azulejo e pinturas decorativas. Além do acesso pelo corredor, possuía mais três portas: uma dando acesso ao “armário de vassouras”, outra a uma pequena área de serviço (cômodo 13 – Figura 41), também com piso em ladrilho e duas janelas, e uma porta com acesso ao pequeno hall de serviço (cômodo 15 – Figura 41), que tinha saída pelo terraço coberto.

Além destas aberturas, a cozinha possuía uma porta que dava acesso para fora da casa e uma janela, ambas fechadas em 1961. A respeito das demais mudanças que ocorreram não há muitos registros, com exceção de 2002, quando grande parte dos azulejos foram retirados e mantidos em somente uma parede (Figura 48). A pintura seguiu o mesmo tom de vermelho da sala anterior, bem como o corredor de acesso ao anexo construído em 1961 (Figura 49). As salas citadas possuem hoje a função de espaço expositivo e de apoio administrativo.

O pequeno hall de serviço (cômodo 15 – Figura 41) na época do palacete possuía acesso ao corredor de serviço, ao terraço coberto e a uma pequena saleta (a mesma que a neta do proprietário dizia ser uma despensa). Atualmente ainda mantêm-se os ladrilhos desde a época de residência, e, em 2002, recebeu a pintura das paredes em mesmo tom vermelho das salas anteriores.

A pequena saleta (cômodo 14 – Figura 41), que na época da ocupação pela família Garmatter foi apontado como uma despensa de alimentos, hoje em dia foi equipada para funcionar como um lavabo.

Na época do Palacete Garmatter, o cômodo que foi apontado como corredor de serviço (cômodo 17 – Figura 41) possuía portas com acesso aos cômodos do térreo já citados anteriormente, como a antiga sala de estar, antiga sala de jantar, antigo corredor da cozinha e antigo hall de serviço. Este ambiente também possui acesso, através de escadas, ao porão e ao primeiro pavimento, possui uma janela e acesso a um pequeno cômodo¹³⁸ (cômodo 16 – Figura 41); tem acesso ao elevador monta-carga, e nos dias atuais a pintura das suas paredes segue o mesmo tom vermelho das salas anteriores, adotando o mesmo objetivo de circuito de exposição das outras salas.

¹³⁸ Não há estudos passados sobre o uso deste cômodo, que possui ladrilhos originais da construção do palacete, sendo hoje utilizado como lavabo.

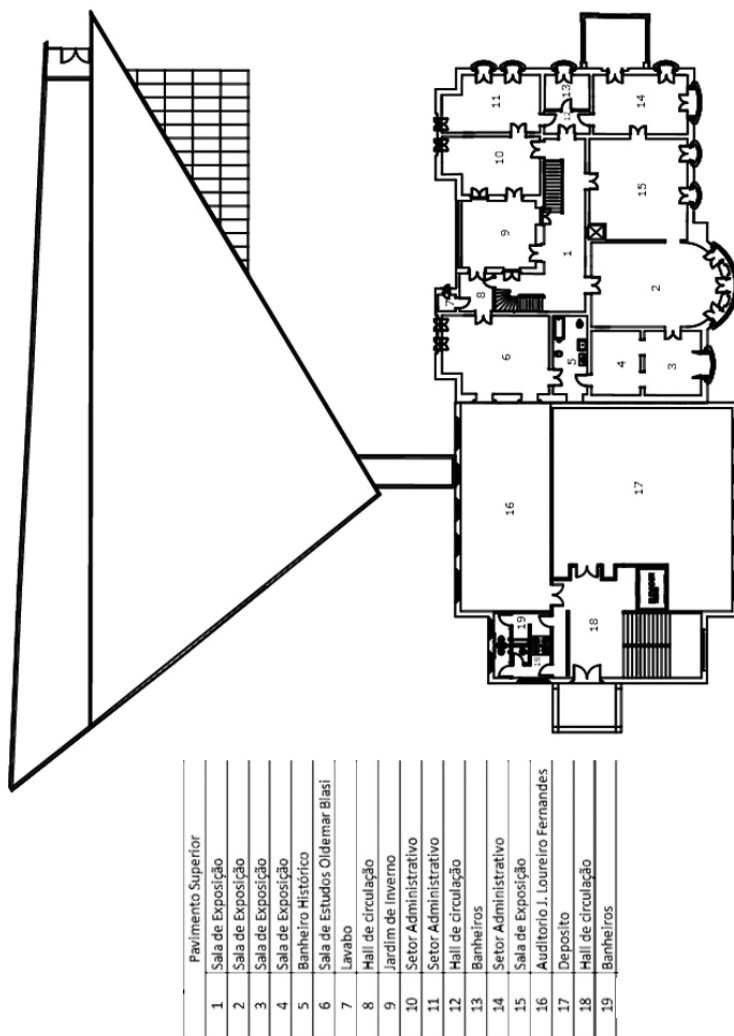


Figura 50 – Planta baixa pavimento superior do Museu Paranaense.¹³⁹

¹³⁹ Concepção do autor. Adaptado de plantas arquitetônicas do acervo da Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, Coordenação de Patrimônio Cultural (CPC).



Figura 51 - Detalhe pintura recuperada do corredor do pavimento superior, 2018.¹⁴⁰

Ao subir pela escada do corredor de serviço, o visitante se depara com o corredor social (cômodo 1, planta pavimento superior – Figura 50), um cômodo de distribuição do primeiro andar. Este ambiente pode ser acessado tanto pela escadaria de serviço quanto pela escadaria social; possui uma escada de serviço que liga o primeiro andar com a masarda, e seis portas que ligam cômodos diferentes; acesso ao elevador monta-carga, e duas janelas para o jardim de inverno. Na restauração de 1987, foi aberta uma grande janela prospectiva (Figura 51) em um

¹⁴⁰ Fotografia: Antonio Carlos de Carvalho. 2018.

dos cantos do cômodo, resgatando a pintura que existia na época da residência Garmatter; na restauração de 2002, a sala teve recuperação do piso de madeira e recebeu a mesma pintura em tom vermelho da maioria das salas do térreo, também fazendo parte do circuito expositivo do Museu Paranaense.



Figura 52 – Vitral decorativo, jardim de inverno do Museu Paranaense, 2018.¹⁴¹

Ao adentrar a sala que possui uma porta e janelas para o corredor social, entrará no jardim de inverno (cômodo 9 – Figura 50), ambiente bem iluminado, pintado em rosa, e com piso em ladrilhos hidráulicos decorados datados da construção do palácio; por todo o rodapé do cômodo existe uma prospecção da pintura, mas não faz influência sobre a escolha da tonalidade rosa para a sala. A sala ainda mantém o vitral com imagem das Cataratas do Iguazu instalado no período entre 1938

¹⁴¹ Fotografia: Antonio Carlos de Carvalho. 2018.

– 1954 (Figura 52), enquanto era sede do Governo do Paraná. Ainda mantém as duas portas para acesso aos cômodos laterais que foi aberto no restauro de 1987, e possui mais uma janela para um cômodo lateral. Este espaço também é utilizado para exposições de curta duração, mas em função da luminosidade incidente sobre o vitral da sala, possui uma seletividade maior de obras expostas.

Seguindo à direita no jardim de inverno, adentraremos no setor administrativo do Museu, uma sala com pintura em tom rosa (cômodo 10 – Figura 50), que além da porta e janela que dá acesso ao jardim de inverno, possui outra porta com acesso ao corredor social e outra para um cômodo ao lado e uma janela para os fundos do terreno. Neste cômodo há uma curiosidade: sob a pintura em tom rosa em uma das paredes, aparenta existir detalhes de uma antiga pintura decorativa, que pode ser averiguada em uma futura intervenção.

Através de uma das portas da sala em tom rosa, chegamos a um cômodo com pintura em tom vermelho (cômodo 11 – Figura 50), o mesmo usado em outros locais do museu. Esta sala possui uma janela para o fundo do terreno, dois balcões com acesso à lateral do edifício e uma porta para um pequeno hall.



Figura 53 - Sala administrativa, 2016.¹⁴²

Neste espaço mantém o teto em estuque, que está instalado mais baixo que a altura nos cômodos do restante da casa (Figura 53); não há registros do período de sua instalação ou o motivo, sendo a primeira imagem a retratar o espaço e o teto, já rebaixado, em 1987.

O pequeno hall (cômodo 12 – Figura 50), pintado em tom verde, faz ligação com o corredor social, com a sala anterior, o banheiro e a mais um aposento. O banheiro (cômodo 13 – Figura 50) foi totalmente modernizado ao longo das ocupações, possuindo divisórias para sanitário masculino e feminino e um balcão neste último.

¹⁴² Fotografia: Antonio Carlos de Carvalho. 2016.



Figura 54 – Pintura decorativa recuperada, sala administrativa, 2016.¹⁴³

O outro aposento acessado pelo pequeno hall é um amplo cômodo pintado em tom azul (cômodo 14 – Figura 50), também um espaço administrativo do Museu. Possui dois balcões e uma porta com acesso ao terraço sobre o pórtico da entrada do palácio; também uma porta com vidros bisote fazendo ligação com mais um cômodo. Aqui era o quarto dos filhos da senhora Edith Garmatter Ritzmann; resquícios desta época estão em uma janela prospectiva (Figura 54) sobre a porta que dá acesso ao terraço, uma pintura decorativa com tom de fundo em azul, que foi usado para ditar a cor de todo o aposento.

¹⁴³ Fotografia: Antonio Carlos de Carvalho. 2016.

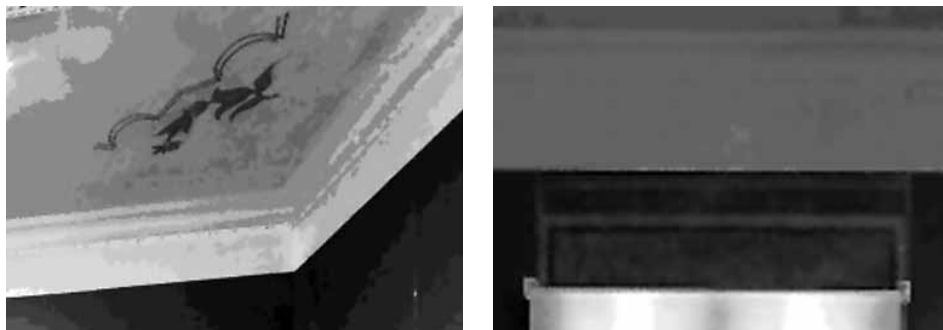


Figura 55 – Pintura decorativa recuperada, sala de exposição, 2015.¹⁴⁴

Ao seguir pela porta com detalhes em vidro lapidado, chegaremos a um quarto, usado para exposições, pintado em uma tonalidade vermelha (cômodo 15 – Figura 50), cor estipulada a partir de uma janela prospectiva (Figura 55) que aponta a pintura decorativa da época em que era residida pela família Garmatter. Deste período foram mantidas janelas prospectivas no teto de estuque e do período do Governo do Estado temos o lustre. Com o restauro de 1987 foram refeitas: a parede do fosso do elevador monta-carga e a parede que separava o cômodo com a sala adjacente (derrubada durante a ocupação do TRE). Esta mesma parede ainda sofreu uma nova alteração em 2002, sendo aberto um vão entre estes aposentos para facilitar a circulação dos visitantes.

¹⁴⁴ MACEDO, Ricardo. Tour Virtual pelo Museu Paranaense. 2015. Disponível em: <<http://www.ricardomacedo.com.br/360/mpr/index.html>>. Acessado em: 6 de outubro de 2016.



Figura 56 – Pintura decorativa recuperada, sala de exposição, 2018.¹⁴⁵

Ao atravessar o vão criado em 2002, o visitante se defronta com um cômodo pintado em tom de roxo (cômodo 2 – Figura 50), seguindo a cor encontrada nas janelas prospectivas que há ao longo de todas as paredes (Figura 56). Esta sala expositiva, assim como a que está abaixo dela no andar térreo, possui um abaulamento de uma de suas paredes. Três portas dão acesso a balcões externos, uma ao corredor de serviço e outra leva ao cômodo posterior. Os pisos e lustres foram mantidos originais da primeira ocupação pela família Garmatter. A sala perdeu uma de suas paredes durante a ocupação do TRE (1954-1987), que foi restaurada em 1987, mas durante este restauro os lambris foram retirados de todas as paredes, ganhando novas janelas prospectivas.

¹⁴⁵ Fotografia: Antonio Carlos de Carvalho. 2018.



Figura 57 - Sala de exposição, 2015.¹⁴⁶

No cômodo vizinho à sala roxa, o Museu apresenta uma exposição com a denominação “Imagens de um Lar”, que reflete uma ambientação de uma residência do início do século XX de uma família abastada em Curitiba. A exposição é feita com mobiliário e objetos, bem como imagens do período de ocupação da família Garmatter no Palácio São Francisco. A sala é composta por duas salas interligadas (cômodos 3 e 4 – Figura 50), pintadas em tom de verde. A primeira sala dá acesso a um balcão e a segunda acessa o antigo banheiro da época da família Garmatter. Estes cômodos perderam duas janelas por conta da construção do Anexo em 1961, mas ganharam uma segunda abertura entre elas na restauração de 1987 (Figura 57).

Na fotografia (Figura 57), a abertura da esquerda teve as folhas

¹⁴⁶ MACEDO, Ricardo. Tour Virtual pelo Museu Paranaense. 2015. Disponível em: <<http://www.ricardomacedo.com.br/360/mpr/index.html>>. Acessado em: 6 de outubro de 2016.

e dobradiças removidas durante o restauro de 1987, e foi criado um vão com batentes similares aos originais para facilitar a circulação da área expositiva do recém-criado MAP.



Figura 58 - Banheiro histórico, 2018.¹⁴⁷

Chegando ao banheiro histórico (cômodo 5 – Figura 50), é possível notar que todo o espaço foi mantido desde sua primeira ocupação pela família Garmatter (1928-1938), dos azulejos e louças importadas (sanitário, bidê, lava pés, banheira e pia) até as pinturas decorativas que existem em todas as paredes (Figura 58). Na parede oposta havia uma abertura de uma antiga janela, que foi modificada para ligar o prédio histórico ao anexo construído em 1961. Hoje esta passagem é tampada por um painel expositivo. O banheiro é um grande atrativo do circuito expositivo do Museu Paranaense, sendo admirado por todos os visitantes.

¹⁴⁷ Fotografia: Antonio Carlos de Carvalho. 2018.

O banheiro possuía uma ligação com o quarto do casal Garmatter (cômodo 6 – Figura 50) e, apesar desta porta ainda existir, atualmente permanece fechada por questões de circulação do espaço expositivo. O antigo quarto do casal Garmatter, atualmente pintado em tom de cinza, tornou-se uma sala de estudos denominada “Sala de Estudos Oldemar Blasi”, em homenagem a um dos diretores do Museu Paranaense. Este cômodo é formado por uma porta que dá acesso a um pequeno hall (cômodo 8 – Figura 50), duas janelas e também duas aberturas que dão acesso ao anexo construído em 1961; tais aberturas estão localizadas exatamente no local onde ficavam duas portas com acesso a balcões, e foram reabertas na restauração de 2002.

Chegando ao pequeno hall (cômodo 8 – Figura 50), pintado em tom rosa, tem-se acesso a um lavabo e ao corredor social, e, após 1987, a um acesso para o jardim de inverno. O lavabo (cômodo 7 – Figura 50) possui ladrilhos e louças contemporâneas e pintura em tom vermelho.

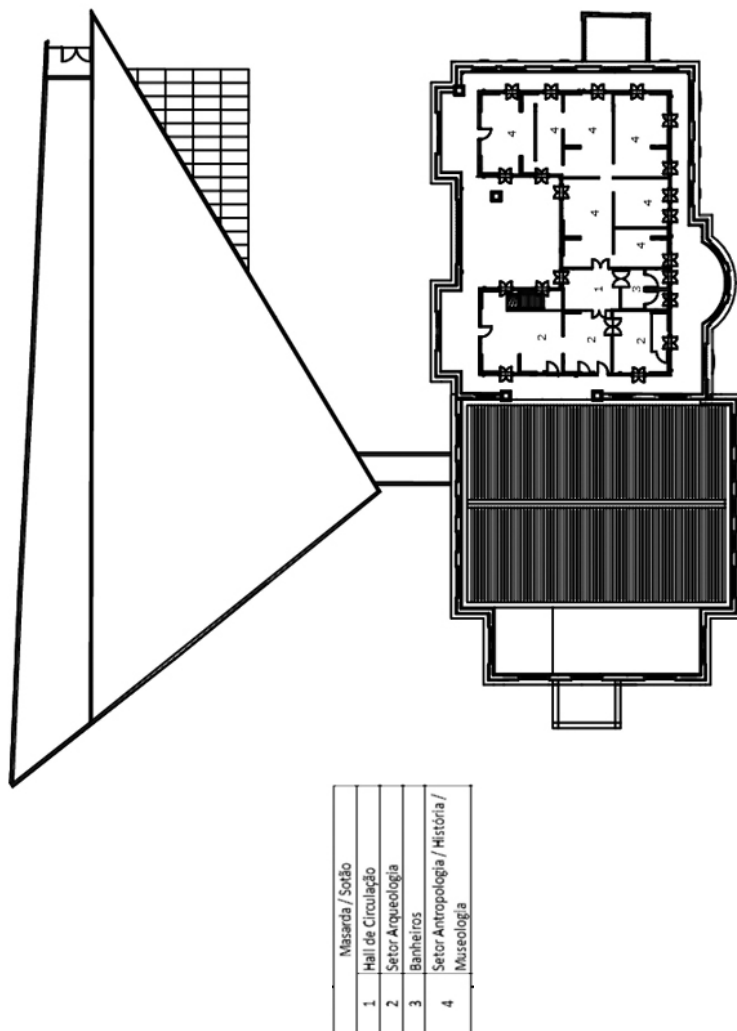


Figura 59 – Planta baixa do sótão do Museu Paranaense.¹⁴⁸

Voltando para o corredor social (cômodo 1 – Figura 50), subimos o último lance da escada de serviço, chegando à masarda (planta

¹⁴⁸ Concepção do autor. Adaptado de plantas arquitetônicas do acervo da Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, Coordenação de Patrimônio Cultural (CPC).

pavimento do sótão, Figura 59). Na primeira ocupação (1928-1938) o local era destinado ao laboratório do filho mais novo do proprietário e aos aposentos dos empregados. Na restauração de 1987 as alterações neste pavimento foram a criação de aberturas para mais janelas e substituição de três portas da parede frontal por janelas. No restauro de 2002, o forro foi retirado para dar evidência à estrutura de sustentação do telhado. Junto da escada foi feita uma divisória em vidro temperado com portas de vidro, delimitando um espaço fechado (cômodo 2 – Figura 59), e também um espaço destinado ao banheiro (cômodo 3 – Figura 59). À esquerda há um divisória de madeira e porta de vidro levando para o restante do sótão (cômodo 4 – Figura 59).



Figura 60 - Vitrine de exposição do Museu Paranaense, 2018.¹⁴⁹

¹⁴⁹ Fotografia: Antonio Carlos de Carvalho. 2018.

Apesar de não ser objeto principal deste livro, abordaremos os espaços anexos do Museu, a fim de documentar como a instituição utiliza as edificações e concebe suas exposições.

O primeiro anexo, construído em 1961, foi reformado para receber o Museu Paranaense, tendo no porão (detalhes na planta do porão – Figura 39) espaços destinados à copa, banheiros, vestiário, depósitos, sala de restauração e conservação e um elevador de grande porte, todos locais de utilização dos funcionários e restritos aos visitantes. No térreo (detalhes na planta do térreo – Figura 41), há banheiros para visitantes, acesso ao elevador de grande porte e à biblioteca Romário Martins. A biblioteca, formada por uma coleção de mais de 30 mil obras, em sua maior parte voltada à história do Paraná, guarda ainda uma coleção de obras raras e um espaço para reserva técnica documental e iconográfica do Museu. Pela biblioteca ainda é possível ter acesso a uma grande vitrine expositiva do museu, destinado a exposições de curta duração.

Na restauração de 2002, quando foi aberta a ligação com o palacete, o revestimento externo do edifício histórico foi recuperado (Figura 60). É neste andar que foi criado um corredor ligando o edifício ao novo anexo, construído em 2002.



Figura 61 – Auditório José Loureiro Fernandes, Museu Paranaense, 2018.¹⁵⁰

O segundo pavimento (detalhes na planta do porão – Figura 50) também possui banheiros destinados ao público, acesso ao elevador de grande porte, espaço destinado a auditório e um local de reserva técnica de objetos tridimensionais (com acesso somente dos técnicos). Durante a reforma de 2002, neste andar também foi aberta uma ligação com o palácio São Francisco, e o revestimento da parede externa do edifício histórico foi recuperado (Figura 61).

A cobertura do anexo possui telhas de aço e equipamento de ar condicionado. Toda esta estrutura foi inserida em 2002 no processo de reformas do edifício anexo.

¹⁵⁰ Fotografia: Antonio Carlos de Carvalho. 2018.

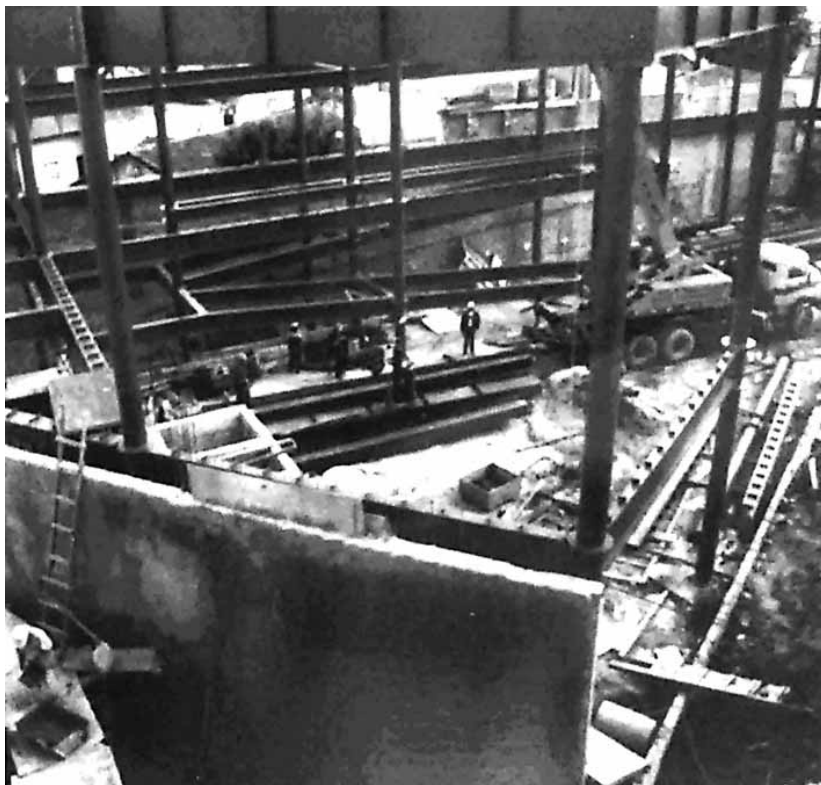


Figura 62 - Construção do segundo anexo do Palácio São Francisco, 2002.¹⁵¹

Necessitando a ampliação do espaço para receber o Museu Paranaense, em 2002 foi projetado um novo anexo para ser inserido junto ao complexo do Palácio São Francisco. Para tanto foram retiradas as construções anteriores que ocupavam os fundos do terreno. Concebida seguindo arquitetura e estilo contemporâneo, possui o revestimento interno e externo em cimento bruto, estrutura em vigas de aço aparente e piso em cimento queimado, e grande painel em forma piramidal com folhas de vidro (Figura 62).

¹⁵¹ Acervo: Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, Coordenação de Patrimônio Cultural (CPC).



Figura 63 - Passarela de circulação, 2018.¹⁵²



Figura 64 - Rampa de acesso, 2018.¹⁵³

¹⁵² Fotografia: Antonio Carlos de Carvalho. 2018.

¹⁵³ Idem.

Ligado ao primeiro anexo por uma passarela envidraçada (Cômodo 24 da planta do térreo – Figura 41), que leva ao segundo pavimento do novo anexo (Figura 63), além do grande espaço de exposição (figura 64) possui ainda uma grande área destinada à reserva técnica de tridimensionais. O circuito de exposição foi pensado para descer através de rampas até o andar térreo.

A configuração do terreno com a inserção do novo edifício criou uma área do terreno direcionada para manutenção, localizada atrás do primeiro anexo, na lateral do novo edifício.

A frente do prédio histórico manteve o grande jardim, e aos fundos do prédio histórico, antes do segundo anexo, há um pequeno estacionamento de uso dos funcionários do museu. Na entrada principal foi inserida uma guarita móvel para a segurança e porta-bandeiras.

As intervenções no complexo do Palácio São Francisco ocorreram entre maio de 2002, com a retirada do Museu de Arte do Paraná, até junho de 2003, com a entrega de todas as obras finalizadas: “a inauguração da nova sede aconteceu em 19 de dezembro de 2002. Porém, sem estar concluído, passou por um período de término das obras e revitalização de seus espaços internos, reabrindo ao público em 4 de junho de 2003.”¹⁵⁴

¹⁵⁴ ANTONELLI, Diego. De mansão a Museu Paranaense, em 75 anos. *Jornal Gazeta do povo*, 27 de setembro de 2013. Acessado em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/de-mansao-a-museu-paranaense-em-75-anos-cs0fxswlit13ojv145gg9axxq/>>.

Há dezesseis anos no complexo do Palácio São Francisco, o Museu Paranaense usa o palácio para exposições de curta duração, salas administrativas e setores técnicos. Em suas mediações a grupos escolares e acadêmicos, o Setor Educativo do museu apresenta seu acervo exposto e também explana sobre o edifício histórico do Palácio São Francisco, falando sobre sua construção e várias ocupações até chegar ao Museu Paranaense. Também recorrem a recursos tecnológicos como audioguias, visitas virtuais, acervos em 3D e telas interativas para transmitir em todos os meios e a todos os públicos a importância deste patrimônio histórico.

7

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Palacete Garmatter, construído entre 1928 e 1929, atinge 89 anos de uso ininterrupto, e quando vazio, passava por restauro ou reformas. Graças às restaurações ocorridas ao longo do seu uso, podemos visualizar em grande parte como era a sua distribuição e circulação nos primeiros anos. Infelizmente a construção do primeiro anexo em 1961 acabou por esconder a fachada lateral, a qual não possui nenhum registro fotográfico direto ou detalhado.



Figura 65 – Projeto do Palacete Garmatter, 1937.¹⁵⁵

Na imagem acima (figura 65), temos a única representação da fachada lateral, de frente para a rua Emano Pereira, sendo uma cópia do projeto de construção.

¹⁵⁵ PARANÁ. Departamento de Obras e Viação. Secção Técnica. **Projecto do Palacete para o Snr. Julio Garmatter à Rua Dr. Kellers (Alto São Francisco)**. Curitiba, 14 de outubro de 1937. Plantas, cortes e fachadas apresentadas em quatro pranchas. Cópia autêntica executada pela Secção Técnica do Departamento de Obras e Viação. Levantamento arquitetônico, em cópia heliográfica. In: POSSE & CASTRO, op. cit., p. 168.

Com esta publicação pudemos criar uma cronologia dos acontecimentos por quais o edifício passou, e em qual período determinada alteração foi realizada. Desta forma, podemos agora adentrar pelas portas do Museu Paranaense e identificar muitos dos detalhes arquitetônicos, apontando sua origem, conhecer o Palacete Garmatter, o Palácio São Francisco, TRE-PR, o MAP e o Museu Paranaense, simplesmente pela arquitetura e detalhes decorativos.

Os arquivos documentais foram de grande importância para esta obra, mas acima deles, a produção de plantas, fotografias e desenhos, foi o que mais contribuiu, pois os documentos muitas vezes não transcrevem completamente, podendo levar a uma má interpretação, enquanto as imagens, plantas e desenhos facilitam a visualização daqueles momentos passados.

Tivemos como objetivo angariar a maior gama de informações possíveis para o leitor, mas, infelizmente, mantiveram-se algumas dúvidas até o momento. Com o objetivo de deixar os levantamentos para futuros pesquisadores, os pontos sem esclarecimentos são: em primeiro, as chaminés, um total de quatro, onde não há nenhum dado que sustente o motivo dos seus usos, criando uma suposição que duas eram destinadas aos fogões à lenha das cozinhas do palacete, uma destinada ao aquecedor de água e a outra para a lareira. Em segundo, o teto em estuque de um aposento do segundo pavimento (cômodo 11 – Figura 50) mais baixo que a altura do estuque em outros cômodos, não havendo explicações ou registros anteriores que expliquem o motivo da altura do teto ser menor; em terceiro, a lareira da sala principal, por onde especula-se ser uma versão elétrica ou parte do sistema de aquecimento central da casa, ou

mesmo ser uma lareira convencional para queima de lenha. Porém, até o momento não há confirmações escritas ou embasadas em relatos de nenhuma das hipóteses plausíveis, não havendo sequer a confirmação da ligação com alguma das chaminés. O último ponto para ser enumerado trata-se da construção no pátio interno do sótão; tem-se registros dela em todas as plantas desde 1961, mas não dando certeza se já existia antes desta data.

Com avanços tecnológicos, o Museu Paranaense utiliza-se dos meios virtuais para permitir, àqueles que desejam, visitar o prédio a qualquer momento do dia, bem como exposições passadas, garantindo um passeio virtual completo e em 360°, através dos mais modernos recursos para tanto. Assim, além da visualização do acervo museológico em exposição, dá a chance de conhecer também a arquitetura e decoração do Palácio São Francisco e seus anexos.

Referências

- ALBATROZ, Arquitetura, Construção e Restauro Ltda. **Projeto de Restauração do Palácio São Francisco – Curitiba – PR.** Dezembro de 2001. In: Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, Coordenadoria do patrimônio cultura.
- ANTONELLI, Diego. **De mansão a Museu Paranaense, em 75 anos.** Jornal Gazeta do povo. 27 de setembro de 2013. In: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/de-mansao-a-museu-paranaense-em-75-anos-cs0fxswlit13ojv145gg9axxq>>. Acessado em: 06 de setembro de 2016.
- BRAGA, Gisele Pinna. RAMOS, Letícia Cristiano. RAVAGLIO, Maria Beatriz M. CAILLET, Tamarys. **Recostituição eletônica do Palácio São Francisco de Curitiba – Um caso de restauro virtual?** V Seminário Ibero-americano arquitetura e documentação. Realizado em Belo Horizonte de 24 a 26 de outubro de 2017.
- CASTRO, Elizabeth Amorim de. **Edifícios públicos de Curitiba: ecletismo e modernismo na arquitetura oficial.** Curitiba, PR: E. Amorim de Castro, 2011.
- CARNEIRO, Cintia Braga. **O Museu Paranaense e Romário Martins: a busca de uma identidade para o Paraná.** Curitiba: Samp, 2013.
- CURITIBA, Prefeitura Municipal de. **Conhecendo Curitiba.** Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/conhecendocuritiba/>>. Acessado em: 15 de setembro de 2016.
- ESCORTEGANHA, Márcia Regina. **Técnica de restauro em pintura mural.** Estudo de caso - Sala do Telégrafo - Palácio Cruz e Souza. Tese (Doutorado). Florianópolis, SC, 2014.

- FERREIRA, Ennio Marques. **Museu de Arte do Paraná: 2 anos de suave resistência.** 1987. In: Casa da Memória de Curitiba.
- GOOGLE. **Google Earth.** 2018. Disponível em: < <https://earth.google.com/web/@-25.42773191,-49.2763932,932.74540302a,152.586608d,35y,-170.5717015h,21.93259304t,0r.>>. Acesso em: 20 de junho de 2018.
- ICOMOS, International Council on Monuments and Sites. **Carta de Veneza.** 1926. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=236>>. Acesso em: 6 outubro de 2016.
- IPHAN. **Relatorio sobre a avaliação do Museu Coronel David Carneiro.** Iphan. Curitiba. 1988. In: Pastas de relatórios sobre o Museu David Carneiro na Superintendente do IPHAN – Paraná.
- IPPUC. **Bairro Nosso, São Francisco.** Folheto.
- LA PASTINA FILHO, José. **O Palácio São Francisco, Arquitetura e Restauração.** In: Secretaria de Estado da Cultura. Museu de Arte do Paraná. Folheto. Curitiba, 1987.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas: Ed. da Unicamp, 2003.
- Landhäuser von Hermann Muthesius. **Ausgeführte Bauten mit Grundrissen, Gartenplanen und Erläuterungen. Zewite ergänzte Auflage.** München: F. Brunckmann A. G., 1922.
- Leis, Decretos e Actos da Camara Municipal.** Curytiba: Oficinas de Artes Grafficas de Adolpho Guimarães, 1900.
- Leis, Decretos e Actos, 1902 a 1906.** Curytiba: Oficina de Artes Graphicas, 1906.

- LYRA, Cyro Côrreia. **Guia dos Bens Tombados – Paraná**. Expressão e Cultura, Rio de Janeiro, 1994.
- MACEDO, Ricardo. **Tour Virtual pelo Museu Paranaense**. 2015. Disponível em: <<http://www.ricardomacedo.com.br/360/mpr/index.html>>. Acessado em: 6 de outubro de 2016.
- MEZZADRI, Humberto. **Uma Casa de Hermann Muthesius em Curitiba**. 1º Seminário DOCOMOMO Paraná Constituição da Arquitetura Moderna no Paraná, PUCPR, realizado em Curitiba de 17 a 19 de agosto de 2005.
- PARANÁ. Departamento de Obras e Viação. Secção Técnica. **Projecto do Palacete para o Snr. Julio Garmatter à Rua Dr. Kellers (Alto São Francisco)**. Curitiba, 14 de outubro de 1937. Plantas, cortes e fachadas apresentadas em quatro pranchas. Cópia autentica executada pela Secção Técnica do Departamento de Obras e Viação. Levantamento arquitetônico, em cópia heliográfica. In: Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, Coordenadoria do patrimônio cultura.
- PARANÁ, Governo. 1939. **Relatório apresentado a S. Excia. O Snr. Dr. Getulio Vargas M. D. Presidente da Republica pelo Snr. Manoel Ribas, Interventor Federal do Paraná. Exercício de 1932 a 1939**. Curitiba, Empresa Gráfica Paranaense, 1939.
- _____. 1929. **Mensagem ao Congresso Legislativo do Estado do Paraná**, em 1º de fevereiro de 1929.
- PARANÁ. Museu Paranaense. **Proposta para utilização do Palácio São Francisco**. Sem data. In: Secretaria de Estado da Cultura, Coordenadoria do patrimônio cultural.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Cultura. **Espirais do tempo: bens tombados do Paraná**. Curitiba, PR: Secretaria de Estado da Cultura, 2006.

_____. **Museu de Arte do Paraná**. Folheto. Curitiba, 1987.

_____. **Informação N° 034/02 – CPHA**. Coordenadoria do patrimônio cultural. 2002. In: Secretaria de Estado da Cultura, Coordenadoria do patrimônio cultural.

_____. **Documento encaminhado pelo Museu de Arte do Paraná ao Ex. Sr. Dr. Eduardo Rocha Virmond, secretário de Estado da Cultura. Curitiba. 18 de abril de 1995**. In: Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, Coordenadoria do patrimônio cultura.

_____. **Relatório Técnico**. Curitiba, 2006. In: Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, Coordenadoria do patrimônio cultura.

PARANÁ. Secretaria da Cultura e do Esporte. **Projeto de conservação e restauração dos bens culturais móveis do Palácio São Francisco**. Protocolo 0089 de 13 de janeiro de 1987. In: Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, Coordenadoria do patrimônio cultura.

PEREIRA, Magnus Roberto de Mello (org.) **Posturas Municipais – Paraná, 1829 na 1895**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2003.

POLINARI, Marcelo. **Breve Histórico do Palácio São Francisco**. Texto datilografado. Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, Coordenadoria do patrimônio cultura, 1987.

POSSE, Zulmara Clara Sauner; CASTRO, Elizabeth Amorim de. **As virtudes do bem-morar**. Curitiba, PR: Z. C. Sauner Posse, 2012.

SOLLO, Arquitetura, Construções e Restauo Ltda. **Levantamento Museu Paranaense**. Curitiba, 2013. In: Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, Coordenadoria do Patrimônio Cultura.

TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DO PARANÁ. Revista. **80 anos TRE/PR**. Curitiba, v.3, 2012.

VIAN, Daniela Cristina. **Por que museu de arte do Paraná?** A criação do MAP, em Curitiba (1986-1991). Monografia de bacharelado. Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2014.

WACHOWICZ, Ruy. **História do Paraná**. Imprensa Oficial do Paraná. 10 edicao. 2002.

ANTONIO CARLOS DE CARVALHO

Nascido em 29 de março de 1993, é natural de Siqueira Campos, no estado do Paraná, graduado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná em 2014. Foi estagiário no Museu Paranaense no Setor de História no período de 2012 a 2013. Pós-graduado em Conservação e Restauração do Patrimônio também pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná em 2017.

MUSEU PARANAENSE

Sendo uma das mais antigas instituições museológicas em funcionamento no Brasil, o Museu Paranaense tem se mantido no cenário cultural e científico brasileiro como promotor de importantes contribuições à história, à antropologia e à arqueologia do Paraná, desde sua fundação, em 1876. Ao completar mais de 140 anos de existência, o Museu oferece ao público esta nova coleção, Histórias do Paraná, em formato impresso por demanda e eletrônico, apresentando estudos selecionados por nós e pelo Departamento de História da Universidade Federal do Paraná para sua divulgação pela Sociedade de Amigos do Museu Paranaense.

Livros já publicados da Coleção

- **O Macabeu**
Imigração e identidade judaica no Paraná
de Michel Ehrlich
- **Entre sapatos e livros**
A trajetória de um sapateiro na militância comunista em Paranaguá, PR - 1935 a 1964
de Thiago Possiede
- **Política entre razão e sentimentos**
A militância dos comunistas no Paraná -1945-1947
de Cláudia Monteiro
- **Imaginário da Formação do IV Reich**
América latina após a Segunda Guerra Mundial
de Marcos Meinerz
- **Os Arazos da Dissolução**
O imaginário anticomunista na imprensa regional - Paraná, década de 1940
de Marcos Gonçalves
- **Os Antigos Gregos no Acervo do Museu Paranaense**
Recepção dos clássicos, Poesia Simbolista e Política
de Renata Senna Garraffoni
- **Modelando Condutas**
Educação católica em escolas masculinas
de Roseli Boschilia

